

KÁTIA ANACLETO TAVARES

**A INFLUÊNCIA DO DESPEITO NA DIMENSÃO
SOCIOCOGNITIVA DA TEORIA DA MENTE.**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2018

KÁTIA ANACLETO TAVARES

**A INFLUÊNCIA DO DESPEITO NA DIMENSÃO
SOCIOCOGNITIVA DA TEORIA DA MENTE.**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação de: Professora Doutora Alexandra Gomes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2018

A influência do Despeito na dimensão sociocognitiva da teoria da mente.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Kátia Tavares)

Copyright by

Kátia Anacleto Tavares

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Todos os trabalhos que se encontram presentes nesta dissertação foram referenciados de acordo com o Manual de Publicação da APA -6ª. Edição (2012)

Agradecimentos

A realização desta dissertação marca o fim de uma longa caminhada no meu percurso acadêmico e pela luta de uma carreira profissional. É chegada a altura de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram e acreditaram em mim.

Quero dar um agradecimento em especial à minha orientadora a Professora Doutora Alexandra Gomes, por todo o apoio, pelo profissionalismo e pelo esforço na concretização desta dissertação e pelos aconselhamentos e ensinamentos partilhados.

Agradecer à minha mãe que trabalhou fora do seu país durante muitos anos para puder oferecer um futuro melhor aos seus filhos. Sem esse sacrifício não estaria aqui a lutar também pelo meu sonho, sempre com o seu apoio e amor condicional.

Quero agradecer aos meus avós maternos que me criaram junto com o meu irmão, na ausência da minha mãe, e que me têm apoiado incondicionalmente e que sempre acreditam em mim.

Agradecer ao meu irmão pelo apoio que me tem vindo a dar ao longo dos anos e em especial nesta etapa e em conjunto com o meu primo.

Agradecer as minhas colegas de curso e amigas Denise e Inês por estes cinco de vida académica que jamais esquecerei. Sem o vosso apoio e amizade não teriam sido os mesmos, obrigado por todas as gargalhadas e aventuras que vivemos.

Agradecer a todas as maravilhosas pessoas que conheci ao longo destes anos em Faro, como todas as minhas colegas de casa e as meninas da residência de Gambelas pelo apoio e aventuras partilhadas.

Agradecer em especial à Vanessa e ao Hugo pela forma como me acolheram, pelas aventuras e descontração nos momentos mais difíceis de adaptação e por todos os conselhos e conhecimentos partilhados.

Por último, agradecer a todos os meus amigos de infância, em especial à Sandra, Renato, Tiago e Paula pela vossa amizade, apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim mesmo quando duvidava das minhas capacidades.

Resumo

A teoria da mente (TdM) tem elevado valor adaptativo do ponto de vista social, permitindo aos indivíduos identificar estados emocionais, compreender estados internos e intenções comportamentais nos outros e no próprio.

Com este estudo pretendeu-se verificar se existe uma relação entre a teoria da mente, a capacidade empática, os traços de personalidade antagónicos e a disposição para comportamentos de despeito em amostras não clínicas. Propusemo-nos a dar um modesto contributo para o estudo da possível relação destes conceitos, através de um estudo de design fatorial 2x2, com recurso a uma tarefa importada da teoria dos jogos (*ultimatum game*). Foi manipulada a condição de jogo (empático vs. despeito) e controlado o nível de despeito dos participantes (alto e baixo despeito). A nossa amostra foi constituída por 41 indivíduos entre os 18 e 30 anos de nacionalidade portuguesa. Estes indivíduos foram divididos aleatoriamente pelas duas condições de jogo (empatia e despeito). Foram igualmente classificados na sua tendência para o despeito, tendo-se tentado atingir uma distribuição equitativa entre as quatro condições possíveis.

Os resultados mostraram que os participantes obtiveram mais ganhos (montante em dinheiro) no jogo nas condições empáticas e menos ganhos nas condições de despeito. O despeito parece influenciar a capacidade de interpretação do jogo. Existe uma relação positiva com os traços antagónicos de personalidade em especial com o maquiavelismo e a psicopatia. E observou-se ainda não existir relação entre o despeito e a teoria da mente.

Palavras-Chave: Teoria da mente; sociocognitiva; socioperceptiva; empatia; despeito; personalidade; jogo do ultimatum.

Abstract

The theory of mind (ToM) has a high socially adaptive value, allowing individuals to identify emotional states, to understand internal states and behavioral intentions in others and in oneself.

The purpose of this study was to verify if there is a relation between the theory of the mind, the empathic capacity, the personality traits antagonistic and the disposition for behaviors of spite in nonclinical samples. We proposed to make a modest contribution to the study of the possible relationship of these concepts, through a 2x2 factorial design study, using a task imported from the game theory (ultimatum game). The game condition (empathic versus spite) was manipulated and the level of discontent of the participants was controlled (high and low spite). Our sample consisted of 41 individuals between 18 and 30 years of Portuguese nationality. These individuals were randomly divided by the two game conditions (empathy and spite). They were also classified in their tendency towards spite, with an attempt to achieve an equitable distribution among the four possible conditions.

The results showed that the participants obtained more gains (amount in cash) in the game in empathic conditions and less gains in the conditions of spite. The spite seems to influence the ability to interpret the game. There is a positive relation with the antagonistic traits of personality, especially with Machiavellianism and psychopathy. And there was still no relationship between spite and theory of mind.

Keywords: Theory of mind; sociocognitive; socioperceptive; empathy; spitefulness; personality; ultimatum game.

Lista de Abreviaturas, siglas e símbolos

TdM –Teoria da Mente

FP – *Faux-Pas*

Índice Geral

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico	4
2.1. A Teoria da Mente.....	4
2.1.1. Mecanismos e métodos para estudar a Teoria da Mente.....	8
2.2. Défices na Teoria da Mente.....	10
2.3. A Teoria da Mente e a Personalidade.....	12
2.4. A Teoria da Mente e Empatia.....	14
2.5. Spitefulness/Despeito	18
Overview	23
3. Estudo empírico.....	24
3.1. Objetivos.....	24
3.2. Metodologia.....	25
3.2.1. Amostra	26
3.2.2. Instrumentos	26
3.2.3. Procedimento de Recolha de Dados	33
3.2.4. Procedimento de Análise de Dados	34
Jogo do Ultimatum	32
4. Resultados.....	35
4.1. Caracterização Sociodemográfica	35
4.2. Análise Descritiva dos Instrumentos	35
4.3. Efeito da condição de jogo e do nível de despeito nos resultados obtidos no jogo (responde no início e responde no fim)	40
4.4. Análise descritiva do Jogo do Ultimatum.....	42
4.5. Análise Psicométrica da Escala do Despeito.....	44

4.6. Testagem de hipóteses	51
5.Discussão	59
6.Conclusão	66
7.Referências Bibliográficas.....	66

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Análise Descritiva de cada Instrumento	35
Tabela 2 – Efeito da condição de jogo e do nível de despeito nos resultados obtidos no jogo.....	40
Tabela 3 – Teste de Normalidade dos itens da escala de despeito	45
Tabela 4 – Análise Fatorial para os três fatores da escala de despeito	47
Tabela 5 – Correlações entre fatores da escala de despeito.	49
Tabela 6 – Relação entre o despeito e os traços antagônicos de personalidade	54
Tabela 7 – Relação entre o despeito e a agressividade.....	54
Tabela 8 – Relação entre o despeito e a conscienciosidade e o neuroticismo	55
Tabela 9 – Relação entre o despeito e a empatia.....	56
Tabela 10 – Relação entre o despeito e a Teoria da Mente	57

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Ansiedade Social por condições do estudo em quatro grupos	38
Gráfico 2 – Evitamento Social por condições do estudo em quatro grupos.....	38
Gráfico 3 – Valor médio ganho no jogo por condição de jogo	40
Gráfico 4 – Resultados obtidos no total de jogo para amostra geral	42
Gráfico 5 – Resultados obtidos no total ganho com o sujeito enquanto proponente.....	43
Gráfico 6 – Resultados obtidos no total ganho com o sujeito enquanto respondente	43
Gráfico 7 – Scree Plot dos valores próprios de cada fator.....	46
Gráfico 8 – Distribuição assimétrica positiva à direita do despeito, medida geral	50
Gráfico 9 – Total ganho no jogo pelas duas condições de jogo	51
Gráfico 10 – Total ganho no jogo com o sujeito como proponente pelas duas condições de jogo	51
Gráficos 11 – Total ganho no jogo com o sujeito como respondente pelas duas condições de jogo	52
Gráfico 12 – Total ganho no jogo em comparação com o valor standardizado da variável preditora da TdM.....	53

1.Introdução

Na relação social, os indivíduos têm pensamentos e crenças sobre os estados mentais dos outros, bem como dos próprios, mesmo que não os verbalizem. A capacidade de representar e raciocinar sobre os estados mentais dos outros ou do próprio, incluindo emoções, estados de conhecimento, motivações, intenções e crenças denomina-se de Teoria da Mente [TdM] (Faísca et al., 2016; Goldman, 2012).

A TdM é considerada uma capacidade social cognitiva de elevado valor adaptativo, permitindo prever o comportamento dos outros, baseado nas inferências sobre os seus estados mentais; permite ainda aos indivíduos responder de forma adequada quer em situações cooperativas ou competitivas (Byom & Mutlu, 2013; Ewing, Zeigler-hill, & Vonk, 2015).

A investigação empírica realizada tem mostrado que existe variabilidade na resposta da TdM em amostras clínicas, nomeadamente lesões cerebrais, esquizofrenia, ou perturbações do espectro do autismo (Bechi et al., 2012) mas também em amostras não clínicas (Ewing et al., 2015; Kinderman, Dunbar, & Bentall, 1998). Esta variabilidade tem sido associada a traços de personalidade: vários estudos apontam para a existência de uma associação entre os aspectos antagónicos de personalidade como o narcisismo, psicopatia e o maquiavelismo e os défices existentes na capacidade da teoria da mente (e.g. Vonk, Zeigler-hill, Ewing, Mercer, & Noser, 2015). Um traço de personalidade em comum entre os aspectos antagónicos é a tendência para provocar mal a outros, através de estratégias de exploração e manipulação (Paulhus & Williams, 2002).

No estudo de Ewing e colaboradores (2015) *spitefulness* é definido como a vontade de uma pessoa incorrer num custo pessoal a fim de infligir danos a outra pessoa, mesmo em situações em que há ausência de quaisquer benefícios diretos para

fazê-lo. Estes autores referem que esta disposição do indivíduo para sacrificar benefícios ou correr custos/riscos a fim de prejudicar os outros, sugere que as motivações dos indivíduos podem ser mais complexas do que simplesmente acumular benefícios imediatos e evitar custos imediatos (Ewing et al., 2015). Na presente dissertação a palavra *spitefulness* será traduzida como despeito, formato adotado neste estudo.

Os autores verificaram que o despeito está associado aos traços de personalidade da *Dark Triade* (i.e., narcisismo, psicopatia, maquiavelismo), e também com um estilo hostil interpessoal, baixos níveis de culpa e pouca preocupação em evitar danos nos outros quando toma decisões morais. Encontraram uma correlação entre o despeito e as capacidades associadas à TdM, especialmente no que concerne à dimensão socioperceptiva. Os autores fundamentam, que os indivíduos com níveis elevados de despeito podem processar de forma deficiente as capacidades da TdM (Ewing et al., 2015). Contudo, o estudo deixa algumas questões em aberto, especificamente no que toca ao papel da empatia. Os indivíduos com despeito parecem apresentar também falta de empatia perante os outros. A empatia é definida como a capacidade de compreender os sentimentos de outra pessoa. A distinção é feita entre duas formas principais de empatia, ou seja, a empatia cognitiva e empatia emocional. Empatia cognitiva refere-se à capacidade de adoptar a perspectiva de outra pessoa, e está relacionada com a Teoria da Mente (Nentjes, Bernstein, Arntz, van Breukelen, & Slaats, 2015). Possivelmente, a empatia terá um papel mediador na relação entre o despeito e a teoria da mente.

A literatura mostra que há uma relação entre a teoria da mente, a capacidade empática, os traços de personalidade antagónicos e, mais recente, a disposição para comportamentos de despeito em amostras não clínicas. Apesar dos estudos conduzidos

apontarem para a existência de uma relação empírica nestas variáveis, a natureza destes estudos não permite compreender como utilizamos esta habilidade.

Neste estudo propomo-nos procurar dar um contributo para o estudo da possível relação destes conceitos, através de uma tarefa importada da teoria dos jogos - *ultimatum game*. Realizou-se um estudo de carácter quase-experimental, com um design fatorial 2x2 com quatro grupos independentes. Os participantes foram classificados em dois grupos distintos, de acordo com o seu nível de despeito e distribuídos por duas condições de jogo: uma condição de empatia e uma condição de despeito.

Como hipóteses de estudo, considerou-se expectável que os indivíduos com uma maior habilidade ao nível da teoria da mente, consigam melhores resultados no jogo. Será ainda observado como essa habilidade se relaciona com outras dimensões psicológicas, como a empatia, a tendência para comportamentos agressivos, a tendência para o despeito e traços de personalidade e, como no seu conjunto, poderão explicar os resultados obtidos em ambas as situações de jogo.

Espera-se que este estudo facilite a compreensão de como esta habilidade é utilizada para avaliar situações do dia-a-dia, em que temos que fazer inferências sobre as tendências e disposições dos outros e como esses julgamentos afetam o nosso próprio comportamento.

O presente documento inicia-se com uma componente teórica onde se explica a relação das variáveis em estudo segundo a literatura, seguidamente é exposto o objetivo geral e as hipóteses da investigação bem como a metodologia, a descrição da amostra e dos instrumentos que foram aplicados. Continuamente encontram-se o procedimento de recolha e análise de dados e os resultados obtidos. Por último, discutimos os resultados comparando com a literatura previamente revista, e expomos ainda as limitações encontradas e futuras propostas para outras investigações.

2. Enquadramento Teórico

2.1. A Teoria da Mente

Todos os dias os humanos envolvem-se numa variedade de interações sociais para alcançar um conjunto diversificado de objetivos sociais que incluem a aquisição de informação influenciando o comportamento do outro e mantendo a intimidade emocional através da partilha de pensamentos e sentimentos (Byom & Mutlu, 2013). A interação humana depende muito da cognição social, compreendendo os processos cognitivos que permitem as pessoas pensarem sobre si mesmas e sobre os outros no mundo social. A capacidade de representar e raciocinar sobre os estados mentais dos outros ou do próprio, incluindo emoções, estados de conhecimento, motivações, intenções e crenças denomina-se de Teoria de Mente [TdM] (Faísca et al., 2016; Goldman, 2012).

As primeiras investigações sobre esta capacidade de teorizar sobre os estados mentais dos outros provêm da filosofia. Porém, foi o estudo de Premack e Woodruff a sobre comportamento dos chimpanzés, que permitiram observar a capacidade de determinar estados mentais no outro entre primatas (Santos, 2012).

Posteriormente, Wimmer e Perner (1983) observaram uma mudança cognitiva marcante em crianças, entre os 3 e os 4 anos. Enquanto as crianças de 3 anos tendem a falhar numa tarefa de falsa-crença, as crianças de 4 anos já têm sucesso. Numa situação clássica de falsas crenças as crianças ouvem uma história em que o protagonista coloca um objeto (chocolate) num determinado local (gaveta), antes de ir brincar. Na ausência do protagonista, o chocolate é mudado para outro local (armário); esta mudança não é dada a conhecer ao protagonista. Pergunta-se às crianças “quando o protagonista regressar pensa que o chocolate está na gaveta ou no armário?”. As crianças falham nesta tarefa quando dizem que o protagonista pensa ou vai procurar o chocolate onde ele

realmente está. Os autores propuseram que esta diferença se devia a uma maturação na TdM das crianças. Aos 3 anos, as crianças têm concepções de desejo e crença que retratam os estados mentais como simples relações entre o conhecedor e o mundo exterior, relações que não admitem a possibilidade de erro. As crenças estão relacionadas com representações proposicionais do mundo que podem ser verdadeiras ou falsas. Aos 3 anos a criança ainda não compreende que uma crença pode ser falsa. Aos 4 anos uma criança atinge uma teoria representacional da crença que lhe permite passar com sucesso nas tarefas de falsa-crença (Goldman, 2012).

Apesar da importância destes estudos para a compreensão da teoria da mente, a teorização do seu funcionamento surge posteriormente com o estudo funções sociais da cognição humana, o que tem conduzido a avanços na abordagem cognitiva para explicar o problema e a compreensão do comportamento (Kinderman et al., 1998).

Baron-Cohen (citado por Langton, Watt, & Bruce, 2000) propôs um dos primeiros modelos teóricos para explicar a teoria da mente e como esta se desenvolve no ser humano. Para o autor, existem quatro componentes que explicam a forma como interpretamos e predizemos o comportamento alheio: a) deteção de intencionalidade; b) deteção da direção do olho; c) mecanismo de atenção compartilhada; e d) o mecanismo da teoria da mente. Cada uma destas componentes aumenta em complexidade na forma como lê e interpreta os estímulos sociais. As primeiras componentes dizem respeito a percepções primárias de determinar um movimento direcionado para os desejos e objetivos do sujeito e com a deteção da direção do olhar para o estímulo. Estas duas componentes parecem ser as que se desenvolvem mais cedo e assumem que há uma relação direta entre o estímulo e a intenção: tendemos a movimentarmo-nos para os nossos objetos de interesse e a olhar para eles, ajudando-nos a determinar o estado mental que domina no sujeito. A capacidade para compreender que partilha a atenção

para o mesmo objeto com outro sujeito parece desenvolver-se mais tarde. Além do mais, só posteriormente é que conseguimos ir além da relação direta entre interesse e estímulo, altura em que começamos a compreender uma possibilidade alargada de opções mentais face ao objeto. Nessa altura, o sujeito terá desenvolvido as capacidades básicas para compreender e prever o comportamento do outro.

O modelo de Baron-Cohen parece incidir sobre a capacidade de processarmos os estímulos visuais e de como estes nos informam sobre os estados mentais dos sujeitos. Focado numa dimensão socioperceptiva, não tem em consideração a forma como o processamento cognitivo se opera.

Neste campo, Samson (2009) define a TdM como a capacidade de compreender: a) que as pessoas experienciam diferentes tipos de estados mentais (exemplo: crenças, emoções, desejos e intenções), b) como os estados mentais surgem (exemplo: as emoções causam certos desejos), c) como os estados mentais estão ligados aos comportamentos, e d) que os outros não mantêm os mesmos estados mentais no mesmo ambiente. Samson sugere que a TdM utiliza mecanismos de processamento *bottom-up* e *top-down*. O processo *top-down* refere-se ao processamento cognitivo mais exigente da TdM necessário para o cálculo das intenções das outras pessoas, crenças e desejos. O processo *bottom-up* está integrado com a construção de uma representação da mente de outra pessoa, tendo em conta, um ambiente dinâmico em mudança, bem como o conhecimento sobre eventos passados e conhecimentos sobre a pessoa. Estes mecanismos funcionam de forma automática e inflexível e podem interferir na formação da representação da mente do outro (Samson, 2009 citado por Sharp & Vanwoerden, 2014).

Tager-Flusberg e Sullivan (2000) englobam as duas perspetivas, socioperceptiva e sociocognitiva, no entendimento da teoria da mente. Os autores colocaram a hipótese

de existir uma importante distinção entre as componentes chamando a atenção para uma distinção entre o julgamento imediato do estado mental a partir da capacidade de fazer inferências cognitivas mais complexas sobre o conteúdo dos estados mentais. A evidência para a divisão da TdM nestas duas componentes incide sobre as diferenças em como as tarefas que tocam cada componente estão relacionadas com outras capacidades cognitivas, incluindo a linguagem; o tempo de desenvolvimento; o substrato neurobiológico para cada componente e a preservação seletiva ou danos encontrados em diferentes populações, particularmente perturbações do espectro de autismo. Para estes autores, a componente socioperceptiva refere-se à capacidade de decodificar os estados mentais dos outros com base nos dados observáveis e disponíveis (percepção dos sinais sociais). Está mais relacionada com a percepção e conhecimento do sujeito, particularmente das suas expressões faciais e corporais, informativas do seu estado mental e incluem a capacidade de distinguir entre as pessoas e os objetos. Já a componente sociocognitiva implica uma capacidade representacional dos outros, com recurso à linguagem, com implicações sobre a compreensão dos estados mentais, intenções, e ulteriormente, a capacidade de explicar ou prever as ações dos outros (Faísca et al., 2016; Tager-Flusberg & Sullivan, 2000). Esta componente começa a surgir por volta dos 3 anos de idade quando as crianças começam a falar e fica consolidada aos 4 anos quando são capazes de transmitir falsas crenças e tarefas de outras teorias mentais representacionais.

As evidências neuropsicológicas suportam esta dualidade do processamento cognitivo da teoria da mente. As duas componentes parecem envolver estruturas neuronais distintas: a socioperceptiva está relacionada com as áreas do hemisfério direito temporal medial e orbitofrontal; a sociocognitiva está relacionado com o

hemisfério esquerdo envolvendo as áreas mediais frontais e a junção temporoparietal (Nettle & Liddle, 2008).

2.1.1. Mecanismos e métodos para estudar a Teoria da Mente

Dada a importância de compreender como os seres humanos raciocinam sobre os estados mentais ao utilizar o conhecimento partilhado do mundo, as pistas sociais e a interpretação das ações (Byom & Mutlu, 2013), uma variedade de testes foi desenvolvida para avaliar os processos da TdM, usando diferentes tipos de materiais, desde apresentações simples de estímulos socialmente relevantes até à vivência de interações sociais.

Esta variedade de métodos inclui o uso de faces esquemáticas estáticas ou fotografias de rostos, imagens estáticas ou fotografias de pessoas em cenas sociais complexas, histórias descrevendo interações sociais ou imagens dinâmicas de pessoas em interação e/ou até interações sociais reais (Byom & Mutlu, 2013; Faísca et al., 2016).

Baron-Cohen e colaboradores (1997) desenvolveram os primeiros esforços para criar um teste de sensibilidade social, o “Reading the Mind in the Eyes Test”. Neste teste são apresentadas 25 fotografias da região dos olhos de diferentes atores e atrizes, e é solicitado ao participante que escolha de quatro palavras, representativas de emoções, aquela que melhor descreve o que está representado na fotografia (Baron-Cohen & Jolliffe, 1997). Este teste consegue medir de forma eficaz como o indivíduo se coloca no papel da outra pessoa e transpõe isso para o seu próprio estado mental. No entanto, o teste envolve apenas o primeiro estágio da atribuição da TdM, como por exemplo, a atribuição do estado mental relevante (por exemplo, compaixão) e não inclui o segundo estágio que consiste em inferir o conteúdo desse estado mental (por exemplo,

compaixão pela perda da mãe) (Baron-Cohen, Wheelwright, Hill, Raste, & Plumb, 2001). Em 2001, na revisão deste estudo realizado por Baron-Cohen e colaboradores, o teste mostrou ser útil para identificar défices subtis na inteligência social em adultos normalmente inteligentes, para além dos grupos clínicos que inclui indivíduos no espectro de autismo (por exemplo, pacientes com danos cerebrais na amígdala e lesões pré-frontais) (Baron-Cohen et al., 2001).

As tarefas da componente sociocognitiva envolvem histórias ou cenários e fazer inferências corretas sobre o que os indivíduos envolvidos sabem ou acreditam (Nettle & Liddle, 2008), como por exemplo o Teste *Faux-Paus* serve para avaliar a capacidade de inferir os pensamentos e sentimentos dos outros em uma situação de “gafe” (uma declaração ou ação que acidentalmente fere outra pessoa). Este tipo de tarefa é frequentemente usada em diferentes grupos de amostras clínicas, como a dependência de álcool, lesões cerebrais, esquizofrenia, doenças de Parkinson e demência de Alzheimer. O teste *Faux-Pas* provou ser muito útil e os resultados demonstraram ser uma medida sensível à componente sociocognitiva da TdM, pelo menos em perturbações mentais consideradas graves (Faísca et al., 2016). A componente sociocognitiva tem um desenvolvimento posterior em relação à componente socioperceptiva (Nettle & Liddle, 2008). Nettle e Liddle (2008) usaram a *Theory of Mind Task* que consiste numa série de histórias com um número de personagens interagentes e os participantes tem de responder a várias perguntas alternativas de escolha forçada sobre cada história. Os autores mostraram que a amabilidade está associada a componente sociocognitiva e não da componente da socioperceptiva da Teoria da Mente. Determinaram que níveis elevados da capacidade cognitiva da TdM permite que os indivíduos sejam agradáveis, porque eles são capazes de antecipar e inferir os estados mentais dos outros (Nettle & Liddle, 2008).

As tarefas de histórias de falsas crenças são medidas típicas para a componente sociocognitiva da teoria da mente e parecem estar ligadas a outras capacidades cognitivas, como por exemplo, a construção de teorias (Tager-Flusberg & Sullivan, 2000).

2.2. Défices na Teoria da Mente

A investigação prévia sobre a TdM tem mostrado que existe variabilidade na resposta da TdM, não apenas em amostras clínicas nomeadamente lesões cerebrais, esquizofrenia, ou perturbações do espectro do autismo (Bechi, Riccaboni, Ali, Fresi, Buonocore, Bosi et al., 2012) mas também em amostras com adultos de amostras não clínicas (Ewing et al., 2015; Kinderman, Dunbar, & Bentall, 1998).

As associações empíricas entre os défices da TdM e problemas psicológicos foram demonstradas pela primeira vez no autismo, e têm sido realizadas para explicar as dificuldades de comunicação, imaginação e a formação de relacionamentos que são características da perturbação (Kinderman et al., 1998). As crianças com autismo tem uma incapacidade de desenvolver relações normais e acham que o ambiente social é imprevisível e incompreensível (Baron-Cohen & Leslie, 1985). Segundo Baron-Cohen e Leslie (1985) é possível que as crianças com autismo tenham uma TdM e mesmo assim exibir incompetência, já que a competência social depende de vários fatores. Ainda neste estudo os autores concluíram que as crianças com autismo não empregam a TdM demonstrando assim uma incapacidade para representar os estados mentais, ou seja, são incapazes de atribuir as crenças dos outros e apresentam dificuldades em prever o comportamento das outras pessoas.

Corconran, Mercer e Frith (1995) mostraram que os pacientes com esquizofrenia manifestaram insuficiência em vários aspectos da cognição social muitas vezes no início

da doença. Entre estes temos a capacidade de interpretar as emoções faciais facialmente expressas e reflectir sobre os próprios estados mentais incluindo desejos, crenças, conhecimentos, intenções e sentimentos. A observação e a compreensão das emoções e interações podem induzir alterações nas anomalias da cognição social de pacientes com esquizofrenia (Bechi et al., 2012).

Uma formulação neuropsicológica da perturbação afirma que a esquizofrenia pode ser entendida como uma desorganização dos estados mentais (Corcoran, Mercer, & Frith, 1995). No estudo realizado por Corcoran e colaboradores (1995) a comparação entre esquizofrénicos e o grupo de controlo demonstrou que os pacientes com esquizofrenia tiveram um desempenho mais pobre em tarefas simples de inferência social do que o grupo de controlo. Tem sido argumentado que os pacientes com esquizofrenia mostram um pobre funcionamento social na infância. A capacidade de inferir as crenças e intenções de outros é adquirida na primeira infância de acordo com a literatura do desenvolvimento cognitivo. Aquisição de características antagónicas sobre essa inferência simples pode refletir numa falha no início do desenvolvimento que impediria os pacientes de nunca adquirir a normal capacidade da TdM (Corcoran et al., 1995).

Frith (1994), no que diz respeito à paranóia sugeriu que os pacientes podem interpretar mal as intenções dos outros pois eles sofrem um défice de mentalização. Os défices da TdM podem contribuir para condições paranóicas e outras, mas presumivelmente influenciando outros processos cognitivos (Frith, 1994 citado por Kinderman et al., 1998).

2.3. A Teoria da Mente e a Personalidade

Apesar de a investigação incidir, na sua maioria, em amostras clínicas na identificação de défices na teoria da mente, recentemente a investigação tenta focar-se mais em amostras de adultos não clínicas de forma a procurar diferenças no processamento da TdM.

Vários estudos apontam para a existência de uma associação entre os aspetos antagónicos de personalidade como o narcisismo, psicopatia e o maquiavelismo e défices existentes na capacidade da teoria da mente (e.g. Vonk, Zeigler-Hill, Ewing, Mercer, & Noser, 2015). Um dos aspetos antagónicos parece referir-se, em parte, a um traço de personalidade relacionado com a tendência para provocar mal a outros, através de estratégias de exploração e manipulação (Paulhus & Williams, 2002). Os estudos sugerem que estes indivíduos, com características de personalidade antagónicas mais evidentes, têm a capacidade de raciocinar sobre as emoções, porém não as utilizam para desenvolver respostas empáticas (Vonc et al., 2015).

O narcisismo, o maquiavelismo e a psicopatia partilham várias características, como o egocentrismo, a frieza, manipulação, impulsividade (Jonason, Strosser, Kroll, Duineveld, & Baruffi, 2014; Noser et al., 2015; Rauthmann, 2012), hostilidade e exploração dos outros (Noser et al., 2015). Os estudos indicam que os indivíduos com características de personalidade antagónicas são menos preocupados do que os outros indivíduos sobre sinais de sofrimento e dor ao fazer julgamentos morais (Noser et al., 2015).

A psicopatia é uma perturbação do desenvolvimento que se caracteriza pelos altos níveis de comportamento anti-social, bem como prejuízos emocionais como a insensibilidade e falta de emoções morais como o remorso (Djeriouat & Trémolière, 2014; Nentjes, Bernstein, Arntz, Van Breukelen, & Slaats, 2015). Um défice muito

proeminente nos indivíduos com psicopatia é a falta de empatia que é considerada uma emoção moral que se acredita inibir o comportamento anti-social e promover os comportamentos pró-sociais (Djeriouat & Trémolière, 2014; Nentjes, Bernstein, Arntz, van Breukelen, et al., 2015; Rauthmann, 2012).

A investigação indica que a psicopatia contém dois subtipos: a primária e a secundária. Ambos os tipos são caracterizados pela hostilidade, impulsividade e agressividade. Porém, a psicopatia secundária também está associada com a ansiedade social, introversão, mau humor e baixa auto-estima (Ali & Chamorro-premuzic, 2010).

Indivíduos com psicopatia empregam padrões destrutivos dos comportamentos interpessoais disfuncionais, agravado por cognições aberrantes, e utilizam o charme e técnicas manipulativas para ganho pessoal, independente do custo para os outros, ao contrário de outros traços da *Dark Triad*, eles são caracterizados pela alta impulsividade e uma disposição para a imprudência, para o impróprio e para o imoral (Wai & Tiliopoulos, 2012).

Richell e colaboradores (2003) não encontraram diferenças significativas na capacidade da TdM entre os indivíduos clinicamente psicopatas e indivíduos não psicopatas, concluindo que os indivíduos psicopatas não apresentam défices generalizados na TdM, no enquanto existem estudos onde foi encontrado défices na TdM em indivíduos com psicopatia clínica (Richell et al, 2003, citado por Ali & Chamorro-premuzic, 2010).

O maquiavelismo é um traço de personalidade caracterizado pela duplicidade, exteriorização da culpa, frieza emocional e uso de estratégias interpessoais para manipular os outros para ganho pessoal (Djeriouat & Trémolière, 2014; Jonason & Webster, 2011; Rauthmann, 2012; Wai & Tiliopoulos, 2012), ou seja, tem uma orientação cínica, enganosa e manipulativa que está associada á falta de preocupação

com a moral convencional (Jonason et al., 2014; Stellwagen & Kerig, 2013). Este traço de personalidade está ainda associado com a incapacidade de compreender as emoções e um geral empobrecimento emocional (Ali & Chamorro-premuzic, 2010). Os maquiavélicos são descritos como gerentes de impressões astutas, auto-benéficos, baixas orientações pró-sociais, menos motivados intrinsecamente no trabalho e orientados para o poder, o que os torna socialmente indesejáveis (Jonason et al., 2014; Rauthmann, 2012).

Em relação ao narcisismo, os indivíduos apresentam pontos de vista exagerados de grandiosidade e auto-estima; são auto-centrados, arrogantes e exploram as relações interpessoais, vem os outros como um meio através do qual a sua necessidade de admiração e reforço do seu ponto de vista pode ser atingido (Wai & Tiliopoulos, 2012). O narcisismo está ainda ligado a inúmeras táticas de influência social (Jonason & Webster, 2011), tendo alto *status* e posições de liderança (Rauthmann, 2012).

Parecem, então, existir semelhanças entre os traços que constituem o modelo da *Dark Triad*. Estes traços apresentam ainda relações empíricas com os traços de personalidade não antagônicos. O narcisismo e a psicopatia foram associados com a extroversão e abertura. O maquiavelismo e a psicopatia foram negativamente associados com a conscienciosidade (Paulhus & Williams, 2002). A psicopatia primária e secundária e o maquiavelismo foram positivamente associados com défices na TdM e com a empatia (Ali & Chamorro-premuzic, 2010).

2.4. A Teoria da Mente e Empatia

Na exigência de processar sinais sociais complexos (Preckel, Kanske, & Singer, 2018) a capacidade empática destaca-se como um processo necessária e essencial nos relacionamentos interpessoais.

A empatia é definida como a capacidade de compreender e partilhar os sentimentos de outra pessoa (Jolliffe & Farrington, 2006; Limpo, Alves, & Catro, 2010; Nentjes, Bernstein, Arntz, van Breukelen, et al., 2015; Tusche, Böckler, Kanske, Trautwein, & Singer, 2016) e funciona como uma consciência social, através da qual uma pessoa partilha uma experiência emocional com um ou ambos os níveis afetivo ou cognitivo (Jolliffe & Farrington, 2006; Preckel et al., 2018; Valk et al., 2016; Wai & Tiliopoulos, 2012).

Apesar de existir uma forte semelhança entre a capacidade empática e a teoria da mente, esta última refere-se a um processo cognitivo de inferência e raciocínio sobre as crenças, pensamentos ou intenções dos outros que não requer envolvimento afetivo (Kanske, Böckler, Trautwein, & Singer, 2015; Preckel et al., 2018; Tusche et al., 2016; Valk et al., 2016).

Do ponto de vista do construto, podemos fazer a distinção entre duas formas principais de empatia: a empatia cognitiva e empatia emocional/afetiva.

A empatia afetiva consiste na capacidade de sentir o que o outro está a sentir, partilhar e experienciar os estados emocionais da outra pessoa, ou seja, refere-se à capacidade de gerar uma reação emocional adequada em resposta as emoções dos outros (Ali & Chamorro-premuzic, 2010; Nentjes, Bernstein, Arntz, van Breukelen, et al., 2015; Vonk et al., 2015; Wai & Tiliopoulos, 2012).

A empatia cognitiva refere-se à capacidade de adotar a perspectiva de outra pessoa e parece estar relacionada com a Teoria da Mente (Nentjes, Bernstein, Arntz, van Breukelen, et al., 2015).

No estudo de Shamay-Tsoory e colaboradores (2004) a empatia cognitiva é um processo que envolve tomada de perspectiva e a TdM e tem sido relatada como dependente das capacidades cognitivas. Por outro lado, a empatia afetiva refere-se à

capacidade de experimentar reações afetivas das experiências observadas dos outros. A diferença entre empatia cognitiva e afetiva é que a primeira envolve a compreensão cognitiva do ponto de vista da outra pessoa, enquanto a última inclui também a partilha desses sentimentos, pelo menos a nível de afeto prazeroso (Shamay-Tsoory, Tomer, Goldsher, Berger, & Aharon-Peretz, 2004).

O estudo de Valk e colaboradores (2016), introduziu o *EmpaToM*, um paradigma de vídeo que investiga se a empatia e a TdM apresentam semelhanças a nível do substrato neuronal (Kanske et al., 2015 citado por Valk et al., 2016). O estudo confirmou uma sobreposição parcial das áreas que processam a empatia e a teoria da mente, porém com diferenças de áreas de processamento para as dimensões de processamento sociocognitivo e socioafetivo. Observaram ainda a existência de uma divergência entre os processos afetivos e cognitivos da cognição social. Os resultados forneceram evidências de que a capacidade empática poderá afetar apenas parcialmente a precisão da inferência das crenças e intenções de outras mentes (Valk et al., 2016).

No estudo de Preckel e colaboradores (2018), usaram essa mesma tarefa (*EmpaToM*) e verificaram claramente redes cerebrais independentes nos processos afetivos e cognitivos e diferenças individuais na empatia e TdM, não estando relacionadas a nível comportamental e neuronal, ou seja, os indivíduos com elevada empatia não têm necessariamente um nível de TdM proficiente (Kanske, Anne, Trautwein, Lesemann, & Singer, 2016; Preckel et al., 2018).

De acordo com as funções independentes que a TdM e a empatia apresentam, foram observados comportamentos diferenciados em psicopatologias diversas, nomeadamente no autismo e psicopatia. No autismo foi observado défice na TdM, enquanto que na empatia não se observou nenhum défice, mesmo quando se controla alexitimia (incapacidade para descrever e compreender as próprias emoções) (Jonason

& Krause, 2013). Na psicopatia a TdM está intacta, mas a propensão para a empatia com os outros é reduzida (Kanske et al., 2016; Preckel et al., 2018).

No estudo de Shamay-Tsoory e colaboradores (2004), verificou-se que os pacientes com lesões limitadas no córtex pré-frontal têm a capacidade empática cognitiva e afetiva prejudicada. A empatia é prejudicada quando existe dano no hemisfério esquerdo no córtex pré-frontal e quando existe dano no hemisfério direito nas regiões pré-frontal ou parietal. O papel do hemisfério direito na medição do comportamento empático não tinha sido relatado anteriormente em outros estudos (Shamay-Tsoory et al., 2004). O hemisfério direito foi implicado no processamento afetivo e na cognição social. O lobo pré-frontal direito é crucial para escolher a resposta emocional apropriada às situações, bem como na expressão do humor e do tom do humor expresso (Edwards-Lee & Saul, 1999 citado por Shamay-Tsoory e tal., 2004).

Recentemente, a pesquisa neurocientífica tem-se focado na relação entre as emoções sociais e a cognição social na previsão de comportamentos pró-sociais. Défices na empatia e na TdM têm sido associadas com o comportamento anti-social, por exemplo, a hiperagressão e o comportamento agressivo. Isso acontece porque indivíduos que partilham e/ou compreendem a reação emocional negativa de outra pessoa (por exemplo, aflição), que ocorre como resultado de seu próprio comportamento agressivo ou antissocial, podem ser inibidos e menos inclinados a continuar com esse comportamento ou agir de forma antissocial ou agressiva no futuro (Jolliffe & Farrington, 2006; Preckel et al., 2018).

No estudo de Morelli e colaboradores (2015), podemos encontrar a definição de empatia positiva que consiste na compreensão e a partilha indireta das emoções positivas de outros. Imaginar, recordar, observar ou aprender os resultados positivos dos outros pode desencadear uma empatia positiva. Os indivíduos podem experimentar

empatia positiva como um observador não envolvido (por exemplo, ver alguém ganhar na loteria na televisão), ao interagir com os outros (por exemplo, ouvir as boas notícias de alguém em pessoa) ou ao criar uma experiência positiva para outra pessoa (por exemplo, dar um presente). A empatia positiva pode ocorrer em resposta a uma variedade de alvos sociais, incluindo indivíduos ou grupos, próximos ou distantes, e personagens reais ou fictícios. Os indivíduos podem experimentar empatia positiva como um estado emocional transitório, bem como um traço de personalidade estável (Morelli, Lieberman, & Zaki, 2015).

2.5. Spitefulness/Despeito

O *spitefulness*/despeito é considerado um traço de personalidade que foi associado à Teoria da Mente para além da *Dark Triad*. Ewing e colaboradores (2015) definem o *spitefulness* como a vontade de uma pessoa incorrer num custo pessoal a fim de infligir danos a outra pessoa, mesmo em situações em que há ausência de quaisquer benefícios diretos para fazê-lo. Em Português, a palavra *spitefulness* pode ser traduzida como despeito, formato adotado neste estudo. O despeito pode ser definido como ressentimento por ofensa ou desconsideração (*Dicionário da Língua Portuguesa*, 2009). Os autores referem que esta disposição do indivíduo para sacrificar benefícios ou correr custos/riscos a fim de prejudicar os outros (Ewing, Zeigler-hill, & Vonk, 2015; Hamilton, 1970; Kimbrough & Reiss, 2012; Marcus, Zeigler-Hill, Mercer, & Norris, 2014; Zeigler-hill, Noser, Roof, Vonk, & Marcus, 2015), poderá estar suportada em motivações mais complexas, do que simplesmente acumular benefícios imediatos e evitar custos imediatos (Ewing, Zeigler-Hill, & Vonk, 2015; Zeigler-hill et al., 2015).

Os teóricos dos jogos definiram os atos despeitosos como os que maximizam as diferenças, mesmo com custos pessoais [por exemplo: é melhor receber 4 euros e o

outro jogador 1 euro do que cada um receber 5 euros] (Marcus et al., 2014). Nos jogos do *ultimatum* existe um debate sobre as motivações para as decisões de rejeitar ofertas diferentes de zero. Uma vez que a decisão de rejeitar uma oferta é total ou nenhuma, mesmo que as rejeições representem despeito ainda é impossível medir a extensão do despeito em si (Kimbrough & Reiss, 2012). De acordo com a teoria económica, os maximizadores de utilidade racional aceitarão qualquer oferta como respondedores, pois uma quantia positiva de dinheiro é melhor que nada. Sabendo disso, os proponentes fazem uma oferta menor possível. Isto está muito longe do que é observado nas experiências conduzidas: ao existir rejeição de ofertas baixas e os proponentes antecipam esse comportamento em jogadas futuras e, conseqüentemente, propõem uma divisão quase igual do montante em jogo (Moreno, Sa, Iranzo, & Flori, 2012).

Corgnet e colaboradores (2015) mostraram que os indivíduos com um estilo cognitivo mais reflexivo (i.e, indivíduos que confiam menos no instinto) são mais prováveis de fazer escolhas com motivos ligeiramente altruístas em simples decisões monetárias livres de estratégia e preocupações recíprocas. Isto sugere que os comportamentos que aumentam o bem-estar social, aumentando os ganhos dos outros a um preço muito baixo ou nenhum para o individuo podem ser o resultado de uma deliberação consciente ao invés de heurísticas automáticas. Comportamentos motivados por preocupações igualitárias ou despeitosas parecem estar mais associados com a intuição (Corgnet, Espín, & Hernán-gonzález, 2015).

Os psicanalistas têm escrito sobre a “auto-destruição por despeito” que se referem a casos em que as pessoas prejudicam a si mesmos para punir outra. A maioria da investigação empírica sobre o comportamento despeitoso nos seres humanos tem sido conduzida por economistas comportamentais e teóricos dos jogos que incidiu sobre

a questão de quando as pessoas se comportam de forma despeitosa (Marcus et al., 2014).

Ewing e colaboradores (2015) verificaram que o despeito está também associado aos traços de personalidade da *Dark Triad* (i.e., narcisismo, psicopatia, maquiavelismo), e também com um estilo hostil interpessoal, baixos níveis de culpa e pouca preocupação em evitar danos nos outros quando toma decisões morais. Estes resultados fornecem uma visão preliminar sobre a natureza do despeito e apontam que os indivíduos com níveis altos de despeito tendem a comportar-se de forma agressiva e antagónica e parecem sentir pouco remorso pelas suas ações. O facto de os indivíduos com despeito aparentemente apresentarem falta de preocupação pelo bem-estar dos outros, levou a considerar a possibilidade do despeito poder estar ligado a dificuldades na compreensão dos estados mentais dos outros. Ou seja, a falta de preocupação pode resultar diretamente da incapacidade de perceber com exactidão os estados mentais dos outros. A incapacidade de avaliar com exactidão as intenções dos outros podem resultar numa agressão mal direccionada. Tal como acontece com os outros traços de personalidade aversivos (exemplo, psicopatia), as dificuldades em compreender os estados mentais dos outros podem contribuir para os comportamentos que caracterizam os indivíduos com despeito.

Bügelmayer e Spiess (2014) referem que as preferências despeitosas estão relacionadas com a punição do comportamento social e leva a uma redução da disposição dos sujeitos para cooperar. Tem sido argumentado que o despeito tem uma ligação importante com a competitividade e com o sucesso económico individual (Bügelmayer & Spiess, 2014; Gardner & West, 2004).

Uma investigação feita por Balafoutas e colaboradores (2012), mostrou que os indivíduos despeitosos têm um desempenho significativamente melhor do que os

indivíduos orientados para a eficiência ou aversão à desigualdade quando completam uma tarefa sob pressão. Os indivíduos despeitosos normalmente tendem a evitar a concorrência direta quando dada uma escolha. Argumenta-se que em geral as pessoas se preocupam com a sua posição em relação aos outros e que os indivíduos despeitosos podem ser mais competitivos, por eles querem evitar que exista desvantagem (Balafoutas et al., 2012 citado por Bügelmayer & Spiess, 2014).

Marcus e colaboradores (2014) mostraram uma relação do despeito com o sexo e a idade: os homens relatavam níveis mais elevados de despeito do que as mulheres e os jovens eram mais despeitosos do que as pessoas mais velhas. O despeito foi ainda positivamente associado com a agressão, psicopatia, maquiavelismo, vergonha livre de culpa, e foi negativamente associado com auto-estima, culpa, propensão, afabilidade e consciência.

A par desta fragilidade, a medida de despeito utilizada nos estudos de Ewing e colaboradores (2015) e Marcus, Zeigler-Hill, Mercer e Norris (2014) depende na autorresposta dos participantes, o que poderá enviesar os resultados já que os indivíduos poderão ser relutantes em admitir o seu despeito.

Ewing e colaboradores (2015), encontraram uma correlação entre o despeito e as capacidades associadas à TdM, especialmente no que concerne à dimensão socioperceptiva. Os autores fundamentam, que os indivíduos com níveis elevados de despeito podem processar de forma deficiente as capacidades da TdM. A tendência de enganar ou destruir os sentimentos ou intenções dos outros pode fornecer pelo menos uma explicação parcial para os comportamentos aversivos que caracterizam os indivíduos com elevados níveis de maldade. Contudo, o estudo deixa algumas questões em aberto, especificamente no que toca ao papel da empatia. Os indivíduos com

despeito parecem apresentar também falta de empatia perante os outros. Possivelmente, a empatia terá um papel mediador na relação entre o despeito e a teoria da mente.

Os resultados no estudo de Bügelmayer e Spiess (2014) mostraram que as capacidades cognitivas estão significativamente relacionadas ao comportamento despeitoso infantil. Crianças com níveis mais elevados capacidades cognitivas são significativamente mais propensos a apresentar um comportamento despeitoso. Isso mostra que as crianças com capacidades cognitivas superiores não agem de maneira estritamente a maximizar o seu lucro: elas frequentemente estão dispostas a renunciar a recompensa de outro jogador. No entanto as crianças com maiores capacidades cognitivas mostraram importar-se com a sua posição em relação aos outros. Os resultados podem ser um indicador de que o sucesso dos indivíduos com capacidades cognitivas superiores também é accionado por um comportamento despeitoso (Bügelmayer & Spiess, 2014).

De acordo com este racional teórico, a teoria da mente, a empatia, os traços antagónicos de personalidade e o despeito poderão estar relacionados entre si e ajudar a compreender como nos comportamentos em relação aos outros, baseado na capacidade de interpretação das suas intenções e comportamentos. Ainda assim, as relações entre as variáveis não é clara, apresenta algumas ambiguidades e ainda se desconhece o processo pelo qual se interligam.

Dado o valor adaptativo da teoria da mente, considera-se relevante compreender a forma como os indivíduos identificam e raciocinam sobre os estados mentais dos outros. Apesar de não estar vocacionado para amostras clínicas, a compreensão de como utilizamos este mecanismo, em situações limite, poderá dar um pequeno contributo para a compreensão dos comportamentos dos sujeitos quando estas capacidades estão

comprometidas, pela presença de lesões neurológicas (agudas ou demências) ou pela presença de patologias do foro mental (e.g. depressão).

Como tal, propomo-nos a explorar as diferenças existentes na teoria da mente, em indivíduos com baixo e elevado perfil de despeito numa situação de jogo interativo, que permita aprofundar o conhecimento existente sobre a relação entre a teoria da mente e os traços antagónicos de personalidade. A principal questão de investigação que norteia esta investigação é a seguinte: “Será que existe uma relação entre o comportamento de despeito, a teoria da mente? E de que forma esta relação afeta a nossa capacidade de entender situações de interação, onde existe a necessidade de avaliar as intenções do interlocutor?”.

Overview

A teoria da mente tem elevado valor adaptativo do ponto de vista social, permitindo aos indivíduos identificar estados emocionais, compreender estados internos e intenções comportamentais nos outros e no próprio.

Contudo, esta habilidade não parece ser idêntica para todos os indivíduos. Claramente identificados os défices ao nível de perturbações mentais e danos cerebrais, observa-se igualmente a tendência para diferentes desempenhos em grupos normativos. A literatura mostra que há uma relação entre a teoria da mente, a capacidade empática, os traços de personalidade antagónicos e, mais recente, a disposição para comportamentos de despeito em amostras não clínicas.

Apesar dos estudos conduzidos apontarem para a existência de uma relação empírica nestas variáveis, a natureza destes estudos não permite compreender como utilizamos esta habilidade.

Neste estudo propomo-nos a dar um modesto contributo para o estudo da possível relação destes conceitos, através de uma tarefa importada da teoria dos jogos (*ultimatum game*). A utilização de uma tarefa interativa, implica que os participantes compreendam as intenções de um outro sujeito (computador) que joga contra eles e que poderá ostentar uma tendência mais empática e de compromisso com o outro, ou uma tendência de maior despeito e de autofavorecimento.

Para compreender estas intenções deverá fazer uso da teoria da mente, sendo por isso expectável que os indivíduos com uma maior capacidade ao nível da TdM, tenham resultados melhores ao nível do jogo. Será ainda observado como essa habilidade se relaciona com outras dimensões pessoais, como a empatia, a tendência para comportamentos agressivos, a tendência para o despeito e traços de personalidade e, como no seu conjunto, poderão explicar os resultados obtidos em ambas as situações de jogo.

3. Estudo empírico

3.1. Objetivos

É nosso objetivo geral verificar se o desempenho ao nível da teoria da mente influencia a capacidade de entendimento da situação de jogo, permitindo aos participantes ganhar um valor mais elevado, independentemente da condição em que se encontrem.

São nossas hipóteses de estudo: H1) que os participantes arrecadem mais dinheiro nas condições de jogo empáticas; H2) que os participantes com um melhor desempenho a nível da teoria da mente tenham mais recursos para compreender melhor a situação de jogo e como tal conseguiram arrecadar montantes maiores, independentemente da condição em que joguem.

É também nosso objetivo verificar se a tendência para o despeito influencia a capacidade de interpretação do jogo, conduzindo a ganhos menores, especialmente nas condições de despeito (H3).

É ainda nosso objetivo verificar a existência de uma relação empírica entre as medidas da teoria da mente, os traços de personalidade, a agressividade, a empatia e o despeito.

As nossas hipóteses preconizam: H4) uma relação positiva entre o despeito e os traços antagónicos de personalidade; H5) uma relação positiva entre o despeito e a agressividade; H6) uma relação negativa entre o despeito e a conscienciosidade e o neuroticismo; H7) uma relação negativa entre o despeito e a empatia; H8) uma relação negativa entre o despeito e a teoria da mente.

3.2. Metodologia

Para ir ao encontro dos objetivos formulados propomo-nos a conduzir um estudo de carácter quase-experimental, com um design fatorial 2x2 com quatro grupos independentes. Neste estudo, iremos controlar o nível de despeito dos participantes, classificando-os em dois grupos: elevado grau de despeito e baixo grau de despeito. A par deste controlo, iremos manipular a situação de um jogo interativo, em que uma condição expressa claramente situações semelhantes a situações de despeito (desfavorecer o outro, perder de propósito para o outro perder), enquanto outras promovem comportamentos de empatia (favorecer o outro, dar-lhe hipóteses de ganhar ou atingir pontos equitativos de ganho).

3.2.1. Amostra

A amostra é composta por 41 indivíduos com idades entre os 18 e 30 anos de nacionalidade Portuguesa, que foram distribuídos aleatoriamente pelas duas condições de jogo. Foram igualmente classificados na sua tendência para o despeito, tendo-se tentado atingir uma distribuição equitativa entre as quatro condições possíveis.

Foram considerados critérios de exclusão da amostra a presença de défices cognitivos, historial de depressão ou de ansiedade social.

3.2.2. Instrumentos

Inventário de Depressão de Beck I – BDI I

Este inventário é um dos instrumentos de auto-relato e serve para avaliar a intensidade da sintomatologia depressiva em adolescentes e adultos (Anexo C). Foi desenvolvido originalmente por Beck e colaboradores (1961) e é composto por 21 grupos de afirmações, incluindo sintomas e atitudes, cuja intensidade varia de 0 a 3. A versão portuguesa foi adaptada por Miguel Trigo (2007). O indivíduo tem de escolher em cada grupo a afirmação (apenas uma única) que melhor descreve o que tem sentido nesta última semana. Exemplo de um item da escala: Grupo 1 : 0- Não me sinto triste; 1- Eu me sinto triste; 2- Estou sempre triste e não consigo sair disto; 3- Estou triste ou infeliz que não consigo suportar.

Escala de Ansiedade e de Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social (EAESDIS)

Estas escalas avaliam o desconforto ou ansiedade e o evitamento em situações de desempenho e interação social (Anexo B). Estas escalas foram desenvolvidas por

Pinto-Gouveia (2003) e ambas mostraram elevadas consistências internas com valores de *Alfa de Cronbah* iguais a 0,95.

O indivíduo assinala o grau de desconforto ou ansiedade e o grau de evitamento que cada situação lhe provoca, utilizando uma escala de resposta de 1 a 4. Exemplo de uma situação social presente na escala: Participar numa atividade de grupo. No fim da escala os indivíduos têm de indicar cinco situações que lhe provocam mais desconforto (Pinto-Gouveia, Cunha, & Salvador, 2003). Exemplo de um item da escala: “Participar numa atividade de grupo”.

Matrizes progressivas de Raven - série E

Para avaliar a inteligência geral, mais propriamente a capacidade do sujeito para deduzir relações utilizamos as Matrizes de Raven (Anexo D), originalmente desenvolvidas por Raven em 1938 (citado por Amaral, 1966). Este teste inclui 60 itens divididos por 5 séries de 12 itens ordenados por grau de dificuldade. Os vários itens são constituídos por material não-verbal. Esta escala é composta por um caderno de aplicação, no qual vêm representados cinco subconjuntos de itens (A, B, C, D e E). A versão portuguesa foi adaptada por Amaral (1966). Neste estudo só foi utilizada a última série do instrumento a série E, para determinar se existem défices cognitivos nos indivíduos.

Escala de despeito

O despeito será avaliado através da Escala de Despeito (Anexo A – Instrumento 1). O instrumento original desenvolvido por Marcus e colaboradores em 2014 contém 17 itens desenhados para medir a disposição dos participantes para se envolverem em comportamentos que prejudicariam o outro, mas que poderia igualmente trazer danos a

si mesmo. Esta escala mostrou possuir propriedades psicométricas adequadas (por exemplo, Marcus et al., 2014) e apresentou ainda uma elevada consistência interna (*Alfa de Cronbach* =0,91) no presente estudo.

É avaliado o nível de despeito dos participantes de acordo com os itens da escala que variam de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) (Marcus et al., 2014). Esta escala foi traduzida para português e desenvolvida por Martins e Gomes (2016). Exemplo de um item da escala: "Vale a pena arriscar a minha reputação ao fazer boatos sobre alguém de quem não gosto".

Escala de Auto-estima de Rosenberg

Para avaliar a auto-estima global utilizamos a escala de auto-estima de Rosenberg (Anexo A – Instrumento 2), que originalmente foi construída como uma escala de tipo *Guttman*, contudo na maioria dos casos, os investigadores optam por um formato tipo *Likert* de 4 pontos (Discordo fortemente=0,Discordo=1, Concordo=2, Concordo Fortemente=3) (Santos & Maia, 2003) . A consistência interna da escala original apresentava boas propriedades psicométricas, a sua consistência interna era elevada, com um valor de *Alfa de Cronbach* igual a 0.92 (Rosenberg, 1965 citado por Prieto, Quintão, & Delgado, 2011). A versão portuguesa é constituída por 10 itens, 5 de orientação e 5 de orientação negativa. A medida permite um resultado total, que varia de 10 a 40, crescendo em função do nível de auto-estima (Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2011; Prieto et al., 2011). Neste estudo foi utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos (1=Discordo Totalmente a 5=Concordo Totalmente). Exemplo de um item da escala: “Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a)”.

Escala de Agressividade de Buss-Perry

A escala de Agressividade de Buss-Perry foi utilizada para avaliar o nível de agressividade nos indivíduos. Originalmente desenvolvida por Buss e Perry (1992) esta é uma escala do tipo *likert* com um total de 29 itens, sendo que cada um está associado a respostas que variam entre 1 (Nunca ou quase nunca) e 5 (Sempre ou quase sempre) (Anexo A – Instrumento 3). A escala é constituída por quatro subescalas: agressividade física (9 itens), agressividade verbal (5 itens), raiva (7 itens) e hostilidade (8 itens). As pontuações das diferentes subescalas foram obtidas através da média dos itens que compõem cada subescala e a pontuação total obtida a partir da média da soma dos 29 itens (Buss & Perry, 1992). A versão para a população portuguesa foi desenvolvida por Cunha & Gonçalves, (2012) que apresentaram uma boa consistência interna com o valor de *Alfa de Cronbach* para a escala total igual a 0.88. As subescalas de raiva ($\alpha=0.79$), agressividade física ($\alpha=0.76$) e hostilidade ($\alpha=0.76$) mostraram-se respeitáveis. Já o *alfa* da subescala da agressividade verbal ($\alpha=0.56$) revelou-se inaceitável (Cunha & Gonçalves, 2012). Exemplo de um item da escala: “Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso”.

Inventário de Personalidade NEO FFI – 20

Para avaliar as cinco dimensões da personalidade foi utilizado o NEO-FFI-20. Este inventário é composto por 20 itens e foi construído com base no inventário NEO-PI-R desenvolvido originalmente por McCrae & Costa (2004), que mediante várias análises estatísticas permitiu a extração dos 20 itens que o constituem. Os 20 itens da escala tendem a agrupar-se nas cinco dimensões principais da teoria dos *Big Five*: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade (Anexo A – Instrumento 4). A cotação dos itens é efetuada de 1 a 5, exetquando nos itens

de cotação invertida (itens 1,3,11,13,14,18,19). A versão portuguesa foi adaptada por Bertoquini e Ribeiro (2006) e apesar das escalas do NEO-FFI-20 serem apenas constituídas por quatro itens, os coeficientes de *Alfa* atingem um valor mínimo de 0,70, variando entre 0,70 e 0,76 (Neuroticismo = 0,71; Extroversão = 0,71; Abertura à Experiência = 0,72; Amabilidade = 0,70; Conscienciosidade = 0,76). Esta escala revela-se a adequada pois, tal como Bertoquini e Ribeiro (2006) indicam, quando a personalidade não é o principal objeto de estudo esta escala torna-se muito útil para avaliar as cinco grandes dimensões da personalidade. Por outro lado, a brevidade da escala tornam-se outro fator de destaque para a sua seleção, tendo em consideração as características da própria amostra em estudo (Pais-Ribeiro & Bertoquini, 2016). Exemplo de um item da escala: “Raramente estou triste ou deprimido(a)”.

Dark Triad dos Traços de Personalidade (Anexo A – Instrumento 5)

Para avaliar os traços negros (maquiavelismo, psicopatia e narcisismo) da personalidade utilizamos o questionário *Short Dark Triad* (SD3) desenvolvido por Jones & Paulhus (2014). Este questionário é composto por 27 itens apresentados por uma escala tipo *Likert* com pontuação de 1 (Discordo Fortemente) a 5 (Concordo Fortemente). As afinidades de alfa das subescalas do SD3 foram 0,71 (narcisismo), 0,77 (maquiavelismo) e 0,80 (psicopatia) (Jones & Paulhus, 2014). Exemplo de um item da escala: “Eu sei que sou especial porque toda a gente me diz isso”.

FAUX – PAS Recognition Test

Este teste servirá para avaliar a capacidade de inferir os pensamentos e sentimentos dos outros em uma situação de "gafe" (uma declaração ou ação que acidentalmente fere outra pessoa). Este instrumento contém 20 histórias (10 histórias de

Faux Pas (FP) e 10 histórias de Controlo) (Anexo E). Segundo as instruções de pontuação de Stone (1998) e Soderstrand (2012), serão calculadas duas pontuações separadamente para o teste de reconhecimento *Faux Pas*. Os participantes marcam um ponto para cada resposta correta das seis questões colocadas após cada história; a pontuação geral varia de 0 pontos (respostas certas) a 60 pontos (todas as perguntas respondidas corretamente). Uma segunda pontuação é aplicada para a primeira pergunta das histórias de controlo (dois pontos são dados a cada resposta correta); esta segunda pontuação, chamada pontuação de gafe de rejeição, varia de 0 a 20 pontos e reflete na rejeição correta de histórias sem situações de "gafe". Além disso, calculamos uma terceira pontuação, baseada exclusivamente na primeira pergunta das histórias do Faux Pas (variação: 0-10 pontos) e expressando apenas a correta identificação de uma situação de "gafe" nessas histórias (pontuação de deteção FP). Se os participantes derem erros nas questões de controlo, assumiu-se que a interpretação da história foi prejudicada. Nestes casos as pontuações dessas histórias específicas devem ser deduzidas da pontuação geral. O tempo de resposta (em segundos) gasto na tarefa é medido por um cronómetro (Faísca et al., 2016). A versão portuguesa foi desenvolvida por Faísca e colaboradores (2016), a consistência interna medida pelo *Alfa de Cronbah*, foi de 0,82 para a pontuação da deteção FP corretamente, $\alpha=0.82$ para a pontuação de perguntas FP e $\alpha=0,57$ para a pontuação da rejeição FP. Somente as pontuações compostas por base nas histórias FP têm confiabilidade interna aceitável, sugerindo que o teste FP tenha um melhor desempenho na medida de identificação “faux pás”, em vez de discriminar a rejeição do “faux pas” (Faísca et al., 2016).

Escala de Medição do Quociente de Empatia

Para avaliar a empatia utilizamos a escala do Quociente de Empatia (Anexo F), que foi originalmente desenvolvida por Baron-cohen e colaboradores, (2003), sendo constituída por 60 questões. Posteriormente, Wakabayashi e colaboradores (2006) desenvolveram duas versões curtas, a partir das escalas originais do Quociente de Empatia (composta por 22 itens). Foi este o instrumento utilizado no presente estudo. Este estudo apresentou uma elevada consistência interna ($\alpha=0,90$) (Wakabayashi et al., 2006). A versão para a população portuguesa foi desenvolvida por Rodrigues e colaboradores (2011) e apresentou uma consistência interna de *Alfa de Cronbach* igual a 0,89.

A Escala de Mediação do Quociente de Empatia é uma escala composta por 22 itens (Anexo F). Os itens do instrumento são respondidos numa escala de 4 pontos, que oscilam entre 1 (Concordo Fortemente) e 4 (Discordo Fortemente). Cada participante pode obter 0 pontos (numa resposta não empática), 1 ponto (numa resposta ligeiramente empática), ou 2 pontos (numa resposta fortemente empática). A sua pontuação máxima pode variar entre 0 e 44 pontos (no caso do Quociente de Empatia). O instrumento tem uma duração aproximada de 15 minutos (Rodrigues et al., 2011). Exemplo de um item da escala: “Eu consigo, facilmente, dizer se alguém quer entrar numa conversa”.

Jogo do Ultimatum

O jogo do *ultimatum* (Anexo G) permite estudar o comportamento apresentado pelos jogadores na tomada de decisão, ao nível dos processos de negociação. O jogo é bastante útil para o estudo da antecipação do comportamento dos jogadores e já tem sido utilizado por economistas que descobriram que certas situações solicitam mais o despeito do que outras (Marcus et al., 2014). Este jogo foi desenvolvido originalmente

por economistas Güth, Schmittberger, & Schwarze (1982). O jogo envolve dois jogadores em interação – um jogador designado por proponente e outro de respondente e dois ou mais estádios de decisão. Ao proponente é dado um determinado montante (em dinheiro) e solicitado que o divida, da forma como entender, por si e por outro jogador, a quem caberá decidir se aceita ou rejeita a proposta realizada. As regras são do conhecimento dos jogadores: se o respondente aceitar a divisão, os jogadores ganham os valores propostos; se o respondente rejeitar a oferta, ganham zero (Espín, Exadaktylos, Herrmann, & Brañas-Garza, 2015; Forber & Smead, 2014; Moreno, Sa, Iranzo, & Flori, 2012; Silva, 2012; Yamagishi et al., 2012). A implementação deste jogo foi realizada, individualmente, com cada sujeito, a partir do recurso a um computador (Anexo G). O jogo neste estudo está dividido em duas partes, a primeira parte é composta por 9 lances em que o sujeito propõe a divisão de 100 euros por ele e o computador, a segunda parte é composta por 11 lances em que o computador propõe a divisão de 100 euros, o sujeito simplesmente terá de aceitar o rejeitar essa mesma divisão. No final do jogo é registado o total de ganhos pelo sujeito ao fim dos 20 lances.

3.2.3. Procedimento de Recolha de Dados

Inicialmente, foi apresentado o consentimento informado (Anexo H) aos participantes que tem como objetivo a autorização por parte destes na participação do estudo de forma voluntária, anónima e confidencial. Seguidamente, são realizadas as questões sociodemográficas (Anexo I). De seguida, foram aplicadas as escalas que avaliam a depressão, a ansiedade social e o desempenho cognitivo, sendo excluídos os participantes que apresentem pontuações/resultados que apontem para a existência de depressão, ansiedade social ou que apresentem um desempenho cognitivo inferior ao esperado para os valores de referência. De seguida, é avaliado o nível de despeito,

agressividade, autoestima, e traços de personalidade de forma a se verificar se existentes défices da Teoria da Mente ou não. Após esse momento, os participantes serão distribuídos por duas condições do jogo do ultimato, cuja tarefa será desempenhada em ambiente computadorizado. Finalmente serão aplicados os instrumentos de avaliação da dimensão sociocognitiva (Faux PAS) e do quociente de empatia dos participantes.

3.2.4. Procedimento de Análise de Dados

Os dados em estudo foram analisados no IBM SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, versão 20. Na interpretação dos dados e para a obtenção dos mesmos procurou-se analisar detalhadamente cada variável através de estatística univariada de tendência central..

Para a análise descritiva dos instrumentos utilizou-se ainda o *one-sample t-test* para comparar os resultados obtidos no presente estudo com os estudos de validação da população portuguesa ou as versões originais.

Para avaliar o efeito da condição de jogo e do nível de despeito nos resultados obtidos no jogo foi realizado um modelo linear univariado. A análise descritiva do jogo do *ultimatum* foi realizada com a ilustração os resultados obtidos no jogo através de gráficos de bigodes nas três medidas distintas do jogo: 1) total ganho com o jogo, 2) total ganho com o sujeito enquanto proponente e 3) total ganho com o sujeito enquanto respondente.

Foi efectuada uma análise psicométrica da escala do despeito, e para isso foi executado um teste de normalidade para analisar os 31 itens originalmente produzidos pelos autores da escala. Como os todos os itens violam a assunção de normalidade procurou-se uma medida mais parcimoniosa que pudesse representar o despeito, recorrendo-se a uma análise fatorial exploratória.

A testagem das nossas hipóteses em estudo foram efectuadas através de uma análise multivariada não paramétrica, através de regressões estatísticas e correlações de Pearson para observarmos as relações existentes entre as nossas variáveis em estudo.

4.Resultados

4.1. Caracterização Sociodemográfica

A população alvo deste estudo foi constituída por jovens adultos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 aos 30 anos ($n=41$; $M= 22,10$; $DP=3,43$). Da amostra total, 27 dos participantes eram do sexo feminino e 14 eram do sexo masculino, o que representam 65,9% e 34,1% respetivamente. Na sua totalidade dos participantes classificou-se em relação ao estado civil como sendo solteiro (100%).

Quanto à escolaridade dos participantes, 24 apresentam como escolaridade o Ensino Secundário (58,5%), 16 referem ter uma Licenciatura ou ter frequência de cursos de 1ºCiclo do Ensino Superior (39%) e 1 apresenta ter uma Pós-Graduação (2,4%).

Em relação à situação laboral, a maioria da nossa amostra é representada por estudantes com um total de 26 (63,4%), 9 trabalham por conta de outrem (22%), 3 são trabalhadores estudantes (7,3%), 2 desempregados (4,9%) e 1 trabalha por conta própria (2,4%).

4.2. Análise Descritiva dos Instrumentos

Na seguinte tabela são apresentados os resultados descritivos de todos os instrumentos utilizados no nosso estudo.

Tabela 1:

Análise Descritiva de cada Instrumento

Escala	M	DP	Min	Max
Inventário de Depressão de Beck I	8.512	7.727	0	32
EAESDIS				
Ansiedade Social	93.878	20.204	60	147
Evitamento Social	88.634	23.036	55	135
Matrizes de RAVEN	7.56	3.155	2	12
Escala de Despeito	39.34	7.920	27	59
Escala Auto-estima de Rosenberg	37.902	8.616	17	50
Escala de Agressividade de Buss-Perry				
Agressividade_Total	72.07	13.275	46	102
Agressividade_Verbal	13.32	3.012	8	23
Hostilidade	21.00	4.796	11	33
Agressividade_Física	19.17	5.352	10	34
Raiva	18.59	4.050	12	27
Inventário de Personalidade de NEO-FI 20				
Neuroticismo	11.37	2.809	4	19
Extroversão	12.71	2.909	5	19
Abertura à experiência	11.78	3.623	4	19
Amabilidade	14.41	7.050	8	55
Conscienciosidade	15.37	2.034	12	20
Dark Triade				
Maquiavelismo	3.37	0.580	2	5
Narcisismo	2.70	0.504	1	4
Psicopatia	2.08	0.557	1	3
FAUX-PAS				
Deteção do FauxPas	7.488	2.628	2	10
Rejeição do FauxPas	19.049	1.687	11	20
FauxPas_Empatia	6.878	2.657	1	10
Intenções	7.37	2.567	2	10
Comportamento Inapropriado	7.34	2.594	2	10
Crenças	14.32	5.084	3	20
Compreensão da história_controlos	39.63	1.497	34	41
Escala de Medição do Quociente de Empatia	47.09	9.047	28	69

O Inventário de Depressão de Beck, A Escala de Ansiedade e Evitamento Social e as Matrizes Progressivas de Raven, série E, foram utilizados com o objetivo de

garantir que os nossos participantes apresentam um perfil homogéneo, no tocante a estas características, e que estes não são significativamente diferentes da população onde os instrumentos foram validados.

Relativamente ao Inventário de Depressão de Beck, nos vários estudos que consultamos não foi possível identificar um valor médio para a população portuguesa, já que o instrumento pretende diferenciar entre diferentes estádios de depressão. Comparando os resultados entre grupos, observa-se que não há diferenças neste indicador entre as diferentes condições ($F=1,439$; $p=0,247$).

Os grupos apresentam resultados homogéneos relativamente ao seu desempenho na Raven, série E ($F=0,690$; $p=0,564$).

No que se refere à ansiedade e evitamento social, as médias gerais da amostra não se afastam significativamente dos valores constatados no estudo de validação do instrumento (Pinto-Gouveia, Cunha, & Salvador, 2003). Para a ansiedade social o *one-sample t-test* apresenta um valor de 0,874, diferença estatisticamente não significativa ($p=0,387$); a diferença para o evitamento social também não é estatisticamente significativa ($t=1,121$; $p=0,269$). Não obstante, a comparação entre grupos sugere heterogeneidade entre grupos, quer para a ansiedade social ($F=3,487$; $p=0,025$), quer para o evitamento social ($U=4,341$; $p=0,010$). Os testes de comparação à posteriori, tendo-se optado por utilizar o método de *Bonferroni* por serem mais de dois grupos, sugerem que essas diferenças se estabelecem apenas entre dois grupos cujas médias diferem significativamente ($p<0,050$). Os seguintes gráficos pretendem ilustrar as diferenças observadas.

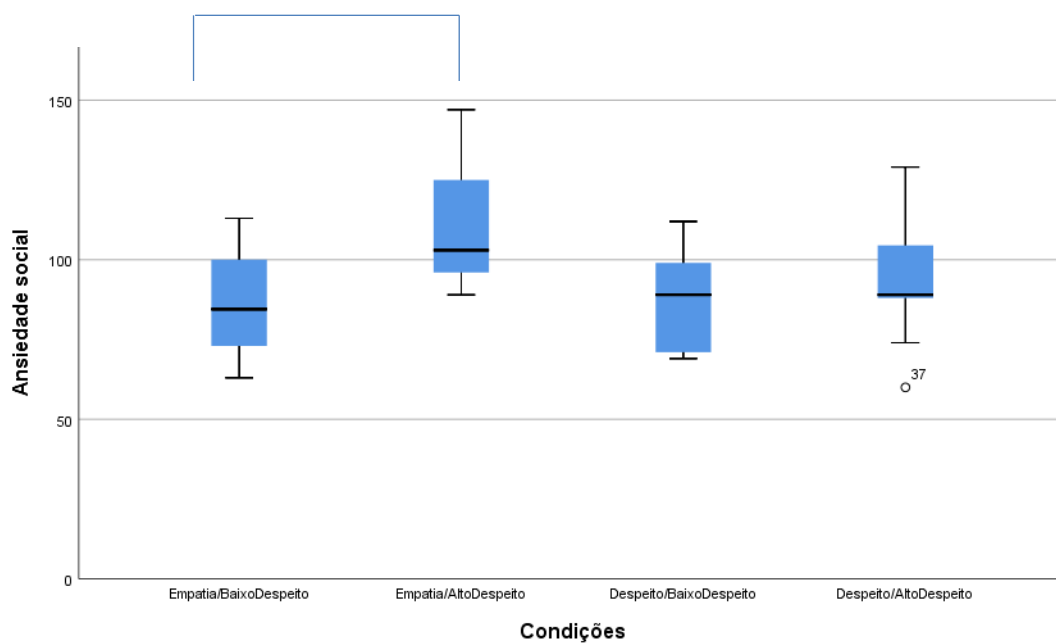


Gráfico 1 – Ansiedade Social por condições do estudo em quatro grupos

A observação do gráfico de bigodes, pelas condições do estudo, mostra o grupo dois (Empatia/Alto Despeito) como tendo um valor mais elevado no que toca à ansiedade social.

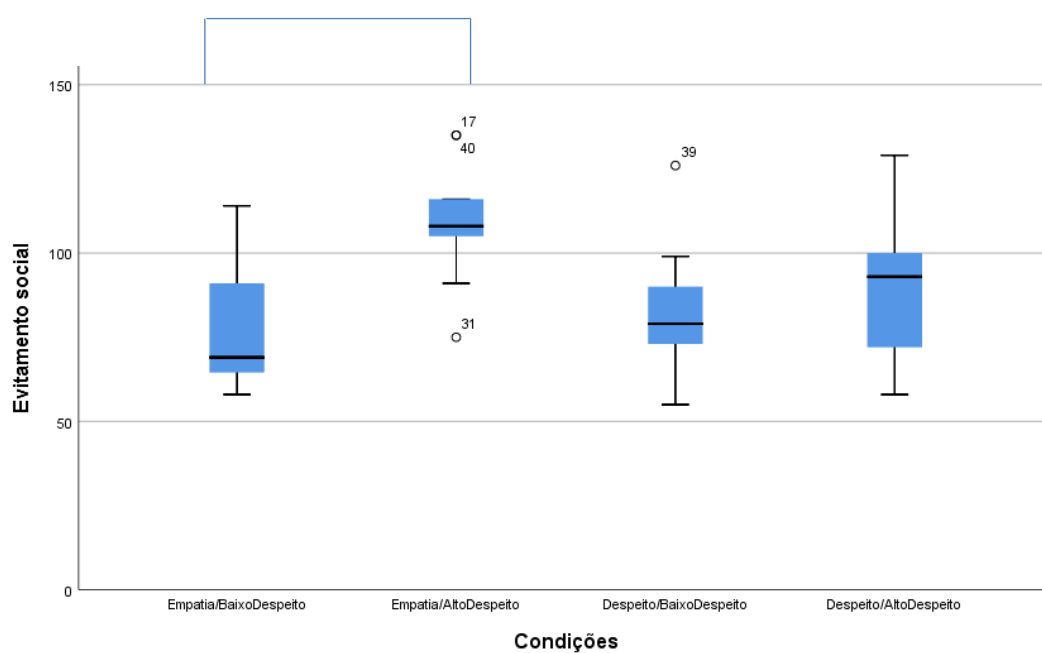


Gráfico 2 – Evitamento Social por condições do estudo em quatro grupos

Este segundo gráfico representa a distribuição da dimensão Evitamento Social pelas condições do estudo. É observável uma tendência para elementos com maior evitamento social no grupo dois (Empatia/Alto Despeito).

Devido ao tamanho da amostra, não nos será possível descartar os elementos que se apresentam como *outliers* nestas condições, pelo que este dado será discutido posteriormente como sendo uma possível limitação aos resultados deste estudo.

O *one sample t-test* para a variável Autoestima mostrou a não existência de diferenças significativas dos valores obtidos neste estudo para o estudo de validação ($M = 40,30$; $DP = 8,66$; $t = -1,782$; $p = 0,082$; Pechorro et al., 2011).

Contudo, o mesmo teste indica a existência de diferenças para as variáveis Agressividade (medida geral; $t = 4,30$; $p = 0,000$), e respetivas dimensões de Agressividade Física ($t = 3,171$; $p = 0,003$), Hostilidade ($t = 3,872$; $p = 0,000$), Raiva ($t = 4,879$; $p = 0,000$), e para os seguintes traços do modelo Big Five: neuroticismo ($t = 7,172$; $p = 0,000$), extroversão ($t = 4,595$; $p = 0,000$), abertura à experiência ($t = 3,748$; $p = 0,001$) e amabilidade ($t = 3,901$; $p = 0,000$).

Analisadas as médias de resposta para a variável independente da condição de jogo, observa-se que não existem diferenças entre as médias dos participantes em cada condição. Porém, quando se observam as diferenças de médias entre sujeitos com alto despeito e baixo despeito, o teste de *Mann-Whitney* rejeita a hipótese nula para a Agressividade (medida geral; $p = 0,019$), Hostilidade ($p = 0,005$), Raiva ($p = 0,023$) e Neuroticismo ($p = 0,021$).

Em relação à *Dark Triad* ainda não existem valores referentes à validação para a população portuguesa.

Quanto *Faux-Pas*, o estudo original apenas apresenta valores normativos para a detecção e rejeição das gafes sociais (Faísca et al., 2016). O *one sample t-test* mostra que a detecção do FP é semelhante à da amostra do estudo de validação da medida ($t=1,822$; $p=0,076$) enquanto a Rejeição acertada do FP é significativamente mais elevada para a nossa amostra ($t=2,044$; $p=0,048$), ainda que os valores do teste sejam marginais no que toca à sua significância.

A Escala de Medição do Quociente de Empatia apresenta valores significativamente mais elevados na nossa amostra do que na amostra do estudo de referência ($t=2,343$; $p=0,024$).

4.3. Efeito da condição de jogo e do nível de despeito nos resultados obtidos no jogo (responde no início e responde no fim)

Dada a complexidade do protocolo para garantir que não havia efeito da forma como era aplicado, metade dos participantes responderam ao jogo depois da realização todos os questionários e outra metade responderam ao jogo antes dos questionários do *Faux-Pas* e o Quociente de Empatia.

Tabela 2:

Efeito da condição de jogo e do nível de despeito nos resultados obtidos no jogo

		Responde no Início	Responde no Fim
Empatia	Alto Despeito	4	6
	Baixo Despeito	7	4
Não Empatia	Alto Despeito	3	6
	Baixo Despeito	7	4

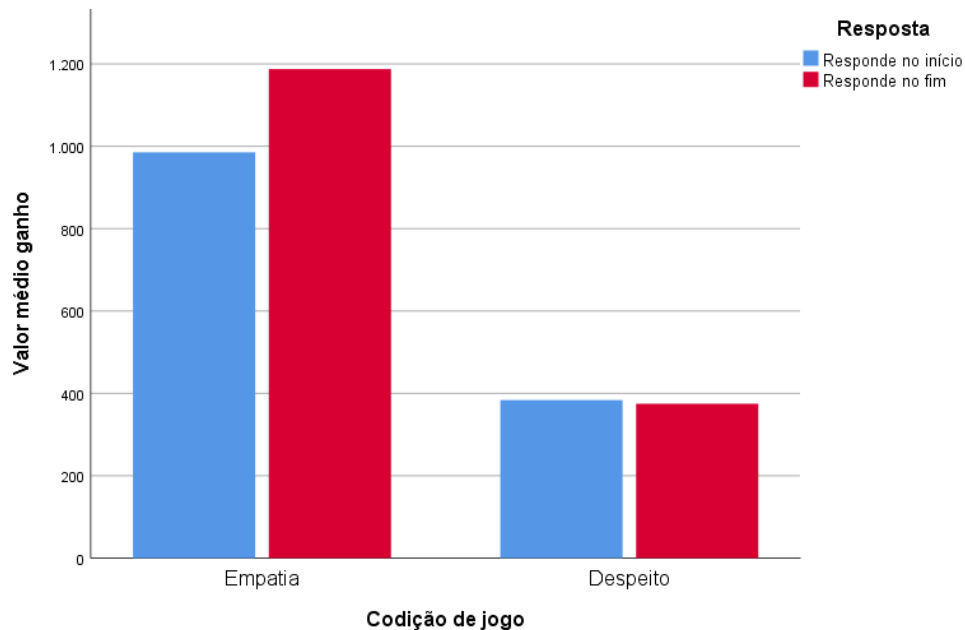


Gráfico 3 – Valor médio ganho no jogo por condição de jogo

De acordo com o modelo linear univariado, o momento de resposta não afeta o total ganho ($F_{(1)}=0,324$; $p=0,573$). De forma idêntica, o momento em que o participante responde ao candidato não afeta significativamente o montante ganho, quando esta condição é cruzada com a condição de jogo ($F_{(1)}=1,335$; $p=0,255$).

Aqui podemos verificar que a condição de empatia mais uma vez afeta os resultados obtidos no jogo mas o despeito e a condição de resposta por sua vez não a influenciam. Quando a pessoa responde no fim podemos verificar uma pequena alteração ainda assim o comportamento é muito idêntico não havendo assim diferenças significativas, ao ponto de se dizer que afeta os resultados jogo o facto do individuo responder antes ou depois aos questionários. Isto é positivo porque não nos interessa que existam efeitos com base na resposta, ou seja, se existissem era sinal que a ordem pelo qual se apresentou a informação teria provocado um condicionamento as respostas. Portanto não houve uma afetação e não há nada no design do estudo que promova os resultados.

4.4. Análise descritiva do Jogo do *Ultimatum*

O Jogo do *Ultimatum* permitiu levantar três medidas distintas: 1) o total ganho com o jogo; 2) o total ganho com o sujeito enquanto proponente; e 3) o total ganho com o sujeito enquanto respondente.

O jogo permitia distribuir 20 lances, 10 enquanto proponente e 10 enquanto respondente. Na situação de proponente, o participante sugeria a distribuição de 100€ entre si e o participante. Na condição empática, a probabilidade do jogo aceitar a divisão era superior à condição de despeito, em que não respeitava a regra económica de “ganhar pouco é melhor do que ganhar nada”. Na situação de respondente, apenas tinha que aceitar ou rejeitar as ofertas realizadas pelo outro jogador (o computador). Na condição de empatia, as divisões eram mais equilibradas e favoreciam de forma idêntica ambos os jogadores, enquanto na condição de despeito havia um claro desvio em favor do computador. Sempre que a divisão era aceite, ambos os jogadores ganhavam a sua parte da divisão; quando o respondente recusa a divisão, nesse lance não há ganhos para ambas as partes.

Os seguintes gráficos pretendem ilustrar os resultados obtidos no jogo, para a amostra geral.

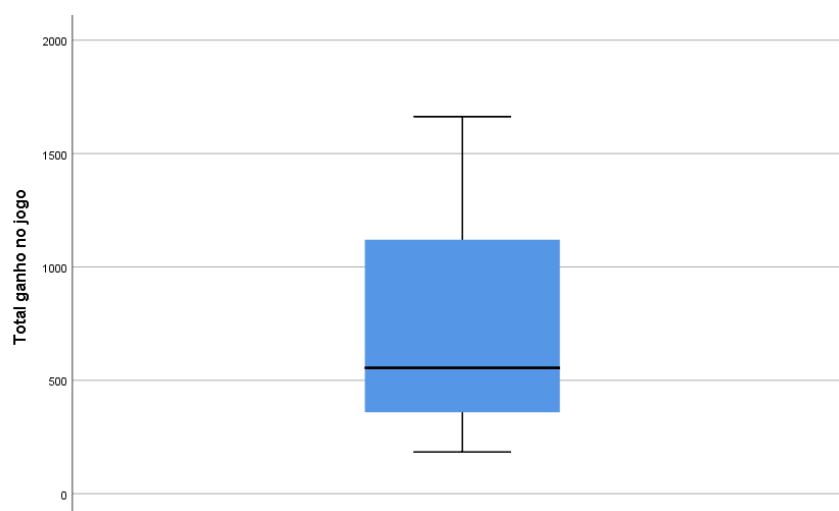


Gráfico 4 – Resultados obtidos no total do jogo para a amostra geral

Como se pode observar, existiu uma elevada dispersão nos ganhos que poderiam variar entre 0€ e 2000€ no total. O mínimo observado foi de 184€ e o máximo 1663€. Apesar de uma distribuição equitativa entre sujeitos nas duas condições, a distribuição é assimétrica à direita, mostrando que mais de 50% dos sujeitos obteve resultados acima dos 555€. A média dos ganhos, no geral, foi de 738,90€ ($DP=458,970$).

Na situação enquanto proponente, a distribuição dos ganhos foi a seguinte.

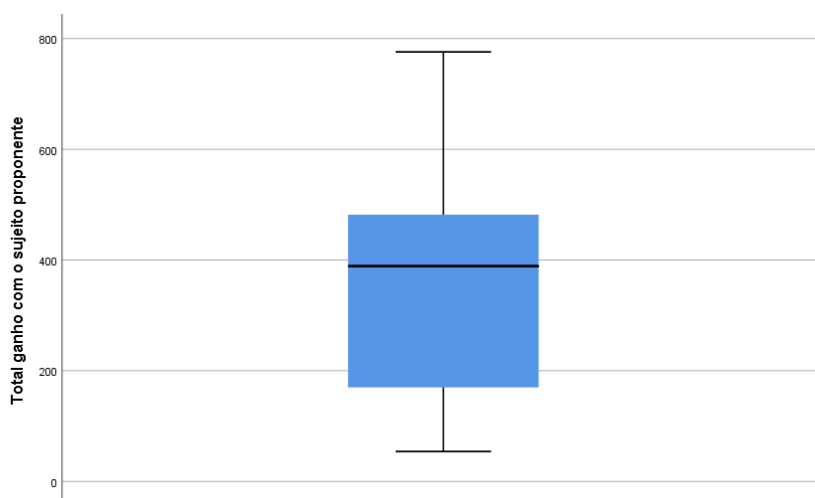


Gráfico 5 – Resultados obtidos no total ganho com o sujeito enquanto proponente

Num total que poderia variar entre 0€ e 1000€, observa-se que a distribuição é assimétrica à esquerda, com 50% a variarem mais nos valores mais baixos. O valor médio conseguido nesta situação particular foi de 359,56 € ($DP=214,05$), tendo sido um mínimo de 54€ e o máximo obtido foi de 776€.

Enquanto respondente, os ganhos distribuíram-se da seguinte forma.

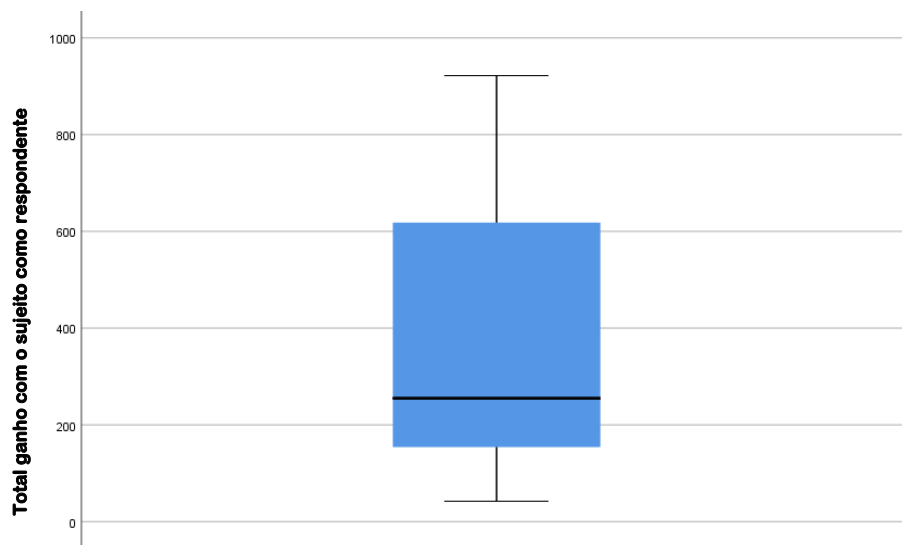


Gráfico 6 - Resultados obtidos no total ganho com o sujeito enquanto respondente

Quando o sujeito responde apenas às propostas do computador, a distribuição dos ganhos é assimétrica à direita. Apesar do valor médio ser semelhante ao anterior, 378,76€ ($DP=279,09$), o valor máximo obtido é mais elevado do que o anterior (922€) enquanto o inferior é relativamente semelhante (42€).

Os resultados, por condição, serão apresentados posteriormente, neste documento.

4.5. Análise Psicométrica da Escala do Despeito

A medida utilizada para o despeito não está validada para a população portuguesa. Para garantir que existiam alguns critérios referentes à sua validade, foi conduzido um pré-teste com 164 participantes, recolhidos com recurso a uma amostragem não probabilística por conveniência.

O instrumento, originalmente construído pelos autores Marcus e colaboradores (2014), foi aplicado na íntegra à nossa amostra, de forma a observar quais os itens que mostravam maior aplicabilidade na nossa população.

Após a tradução e retroversão do instrumento, e análise dos itens por dois especialistas da área, o instrumento foi disponibilizado online, através da plataforma dos formulários do Google, tendo sido pedido aos participantes que acessem e consentissem a recolha de informação pessoal para o efeito.

A amostra é constituída por indivíduos de nacionalidade portuguesa, maiores de 18 anos e que não reportem problemas prévios de doença mental. Todos os elementos que não cumpriam estes critérios de inclusão foram descartados da nossa amostra original.

Em seguida apresentam-se os valores descritivos e o teste para a normalidade dos itens, Kolmogorov-Smirnov, obtidos nos 31 itens originalmente produzidos pelos autores.

Tabela 3:

Teste de Normalidade dos itens da escala de despeito

	Média	Desvio Padrão	Kolmogorov-Smirnov	<i>p</i>
Item 1	1.12	0.517	0.514	0.000
Item 2	1.78	1.151	0.349	0.000
Item 3	1.59	1.009	0.372	0.000
Item 4	1.18	0.534	0.506	0.000
Item 5	1.24	0.774	0.511	0.000
Item 6	1.75	1.076	0.355	0.000
Item 7	1.75	1.190	0.364	0.000
Item 8	1.12	0.493	0.518	0.000
Item 9	1.24	0.693	0.491	0.000
Item 10	1.15	0.571	0.508	0.000
Item 11	1.21	0.653	0.500	0.000
Item 12	1.34	0.793	0.469	0.000
Item 13	1.37	0.761	0.431	0.000
Item 14	3.59	1.396	0.252	0.000
Item 15	1.60	1.001	0.367	0.000
Item 16	1.73	1.076	0.348	0.000
Item 17	1.69	1.077	0.367	0.000
Item 18	2.04	1.169	0.259	0.000
Item 19	3.00	1.401	0.201	0.000
Item 20	1.86	1.208	0.341	0.000
Item 21	1.76	1.050	0.321	0.000
Item 22	1.34	0.745	0.454	0.000
Item 23	2.75	1.381	0.170	0.000
Item 24	2.16	1.189	0.250	0.000
Item 25	2.04	1.287	0.302	0.000
Item 26	1.70	0.923	0.311	0.000
Item 27	2.02	1.065	0.245	0.000
Item 28	2.97	1.279	0.167	0.000
Item 29	1.18	0.575	0.505	0.000
Item 30	2.92	1.474	0.170	0.000
Item 31	2.64	1.118	0.192	0.000

Os resultados mostram médias de resposta muito baixas na generalidade dos itens, o que poderá ser um indicador de pouca sensibilidade do teste para medir o construto. Todos os itens violam a assunção de normalidade.

Dados estes resultados, procurou-se encontrar uma medida mais parcimoniosa que possa representar o despeito, através de uma análise fatorial exploratória. Os indicadores para a esta análise mostram que os dados se adequam à análise de componentes principais (KMO=0,743; Teste de esfericidade de Bartlett = 1529,228; $p=0,000$). Dada a possibilidade de correlação entre possíveis dimensões do instrumento, optou-se por utilizar a rotação Varimax, para a extração dos dados.

Todos os itens saturaram acima dos 0,300, tendo sido incluídos na análise. A comunalidade mais baixa encontrada é referente ao item 4, com o valor de 0,475. O item que mais contribui é o item 20 com uma comunalidade de 0,824.

A extração mostra a existência de 10 fatores com valor próprio acima de 1.

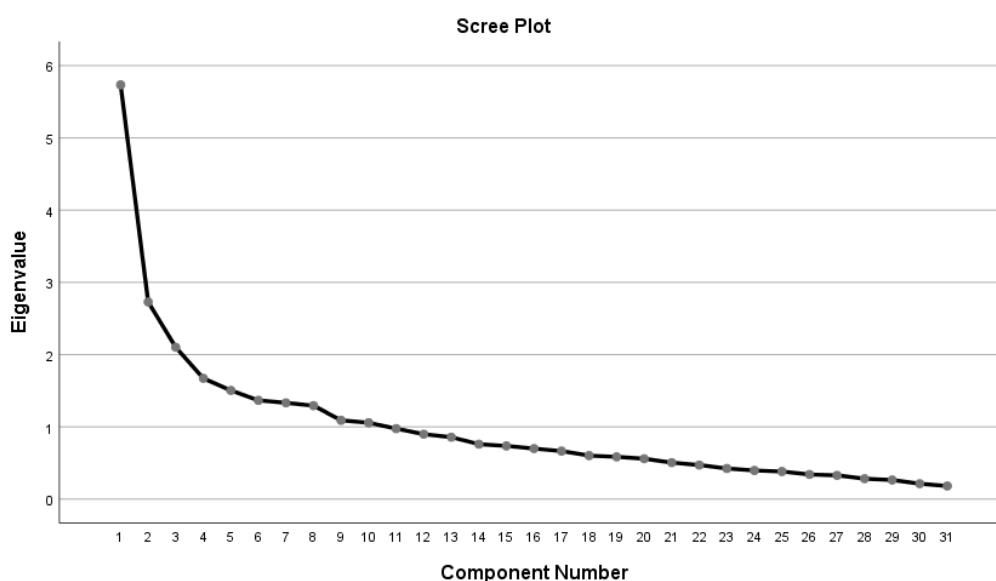


Gráfico 7 – Scree Plot dos valores próprios de cada fator

O gráfico referente aos valores próprios de cada fator mostra claramente um ganho informacional até ao terceiro fator, a partir do qual o peso relativo de cada fator é cada vez menor.

Os três primeiros fatores explicam respetivamente 18,50%, 8,80% e 6,77% da variância dos resultados apresentados pela medida, num total acumulado de 34,076%.

Os 10 fatores apresentam uma capacidade explicativa na ordem dos 64% contudo, alguns dos fatores contemplam apenas um ou dois itens, o que se opõe ao princípio da parcimónia.

Os autores originais sugerem que o construto é unidimensional, contudo os dados levantados sugerem a existência de mais do que um fator.

Tabela 4:

Análise Fatorial para os três principais fatores da escala de Despeito

	1	2	3
Sp6 - Às vezes, não me importava de me prejudicar um pouco, se com isso pudesse punir alguém que o merecesse.*	0.816		
Sp9 - Não me importaria de receber um murro se isso significasse que alguém de quem não gosto recebesse dois.*	0.794		
Sp15 - Uma parte de mim fica contente quando as pessoas de quem não gosto falham, ainda que esse falha também me possa prejudicar a mim de alguma maneira.*	0.659	0.432	
Sp17 - Às vezes, vale a pena um pouco de sofrimento só para ver outros receberem o castigo que merecem.*	0.564		
Sp22 - Já houve alturas em que prejudiquei alguém intencionalmente mesmo sabendo que isso também me iria prejudicar.		0.788	
Sp10 - Não me importaria de pagar mais dinheiro por alguns bens e serviços, se as pessoas de quem não gosto pagassem mais do que eu.*		0.785	
Sp5 - Se pudesse pagava para ver um colega de quem não gosto reprovar num exame.*	0.505	0.526	
Sp7 - Eu preferia que ninguém tivesse privilégios nas aulas, se isso significasse que ninguém teria mais do que eu.		0.504	
Sp26 - Tento ser o mais rápido possível no multibanco quando vejo que a pessoa atrás de mim está com pressa.			0.749
Sp31 - Eu continuaria a apoiar uma equipa e a ficar feliz com o seu sucesso, mesmo que essa equipa me tivesse rejeitado.			0.703
Sp27 - Se noto que o carro atrás de mim está demasiado perto, facilito-lhe a manobra para me ultrapassar, já que poderá estar com pressa.			0.643
Sp28 - Procuraria arranjar a entrada da minha casa, se o meu vizinho reclamasse da mesma.			0.585
Sp19 - Se for o último aluno em aula a terminar o teste, tentaria acabar em menos tempo para não ser inconveniente com o professor.			0.451
Sp20 - Eu colocaria a hipótese de travar o carro só para assustar um condutor que venha “colado” a mim.			
Sp25 - Quando um carro está muito “colado” a mim, até sou capaz de			

diminuir a velocidade só para irritar o outro condutor.			
Sp4 - Sou capaz de aumentar o volume da música porque os meus vizinhos se queixaram, mesmo que possa ser multado por isso.			
Sp13 - Eu aceito uma carga maior de trabalho se os meus colegas também tiverem que o fazer, especialmente os que eu não gosto.*	0.326		
Sp3 - Espero que o governo eleito veja os seus esforços bem-sucedidos para melhorar o meu país, mesmo que não tenha votado nele.			
Sp11 - Se eu for um dos últimos estudantes a acabar o exame e reparar que o professor está impaciente, faço por usar todo o tempo disponível só para o irritar.			
Sp12 - Se o meu vizinho se queixar da aparência da entrada da minha casa, não me importaria de o tornar pior só para o irritar mais.*		0.354	
Sp23 - Se um colega meu ficasse ofendido com algum cartoon humorístico que eu lho mostrasse, o mais certo seria escondê-lo.			
Sp21 - Se for para os meus colegas receberem um aumento maior do que o meu, então preferiria que ninguém recebesse um aumento.		0.378	
Sp16 - Quando estou numa loja, a fazer um pagamento, e a pessoa atrás de mim começa a pressionar para me despachar, propositadamente levo mais tempo para pagar.*	0.315		
Sp8 - Eu prefiro que os candidatos políticos, em quem eu não voto, não consigam realizar as suas promessas mesmo que isso signifique que o meu país fique a perder.			
Sp29 - Opor-me-ia a um programa de governo que administrasse vacinas gratuitas aos imigrantes ilegais, mesmo que esse programa prevenisse uma epidemia global.			
Sp2 - Ao chegar ao meu carro num parque de estacionamento cheio e me parecer que outro condutor quer o meu lugar de estacionamento, demorarei o meu tempo para tirar o carro do lugar.			
Sp24 - Eu ficaria contente em receber um aumento mesmo que os meus colegas recebessem aumentos maiores do que os meus.			
Sp14 - Eu não me importava de ser beneficiado numa disciplina escolar, mesmo que outros fossem mais beneficiados do que eu.			
Sp30 - Não me prejudicaria, mesmo que pouco, para ver alguém receber a punição que merece.			
Sp18 - Era capaz de me opor a uma lei que beneficiasse mais outras pessoas do que a mim.	0.404		
Sp1 - Vale a pena arriscar a minha reputação ao fazer boatos sobre alguém de quem não gosto.			
% Variância			
<i>Alpha de Cronbach</i>	0.800	0.748	0.672

Apesar de haver uma diferenciação entre fatores, o conteúdo só parece ser sensível a essa diferença entre os dois primeiros fatores e o terceiro, já que este último parece reunir itens redigidos pela positiva ou exemplificativos de situações em que não há um comportamento baseado no despeito.

Os autores da medida original acabaram por reter 17 itens. Destes 17, 10 coincidem com os itens retidos pela nossa análise.

A análise de fiabilidade aos 18 itens retidos, que surgem associados a cada um dos 3 fatores com saturações superiores a 0,300 é de 0,789. Este valor melhora se não considerarmos o item 19 (0,813).

As correlações entre fatores apresentam-se na tabela seguinte.

Tabela 5:

Correlações entre fatores da escala de despeito

		Geral	Fator1	Fator2	Fator3
Geral	<i>r</i>	—			
	<i>p</i>	—			
Fator1	<i>r</i>	0.820	—		
	<i>p</i>	<0.001	—		
Fator2	<i>r</i>	0.770	0.609	—	
	<i>p</i>	< 0.001	< 0.001	—	
Fator3	<i>r</i>	0.580	0.120	0.163	—
	<i>p</i>	< 0.001	0.126	0.036	—

Como se pode observar, todos os fatores se correlacionam positivamente com a dimensão geral. O fator 3 apresenta uma correlação fraca, não significativa com os restantes fatores.

No presente estudo, utilizaram-se apenas os 18 itens retidos para calcular uma medida geral de despeito, tendo em consideração o sentido inverso na cotação dos itens referentes ao fator 3. Os resultados foram utilizados para classificar a tendência dos participantes para comportamentos de despeito, tendo como referência a mediana, de forma a dividir a amostra em dois grupos equilibrados.

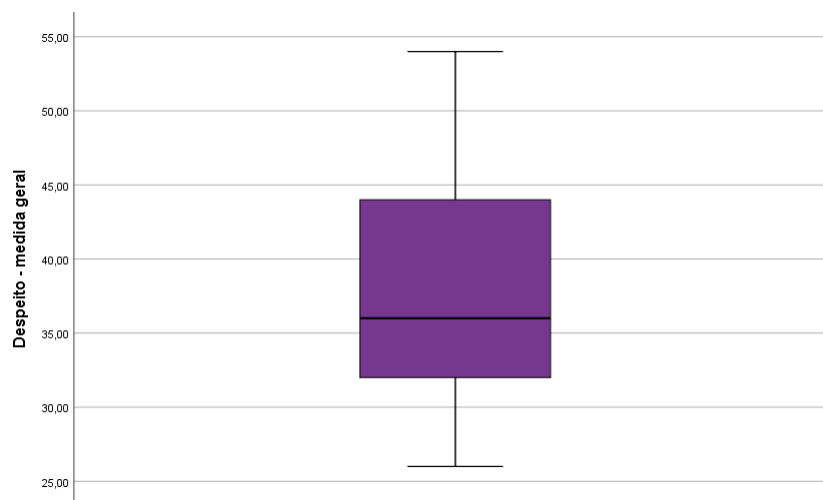


Gráfico 8 – Distribuição assimétrica positiva à direita do despeito, medida geral

As medidas descritivas de tendência central mostram uma distribuição assimétrica positiva. A média situa-se nos 38,49 (DP=7,750), a mediana nos 36,00 e a moda nos 34,00. Apesar da assimetria, os valores são relativamente próximos, pelo que se considerou utilizar a mediana como ponto de corte para dividir a amostra equitativamente entre os elementos com valores mais baixos a nível de despeito, dos indivíduos com valores mais elevados nesta variável.

4.6. Testagem de hipóteses

H1: Os participantes arrecadam mais dinheiro nas condições de jogo empáticas.

Foi conduzida uma análise multivariada não paramétrica para avaliar o efeito das condições do jogo nos resultados obtidos. Os resultados sugerem que quer para o geral ganho (U=9,000; $p=0,000$), quer para o montante arrecadado com o sujeito enquanto proponente (U=1,000; $p=0,000$), quer como respondente (U=82,000; $p=0,001$), as condições empáticas permitem ao sujeito ganhar mais dinheiro.

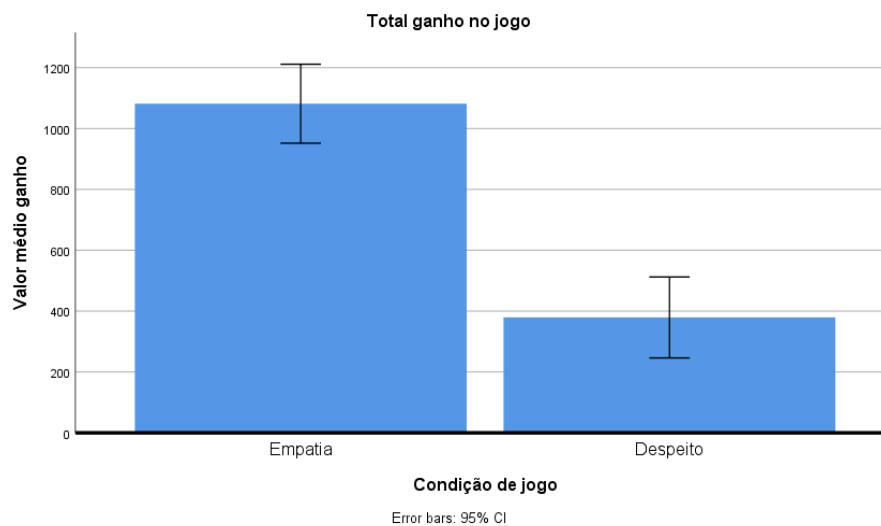


Gráfico 9 – Total ganho no jogo pelas duas condições de jogo

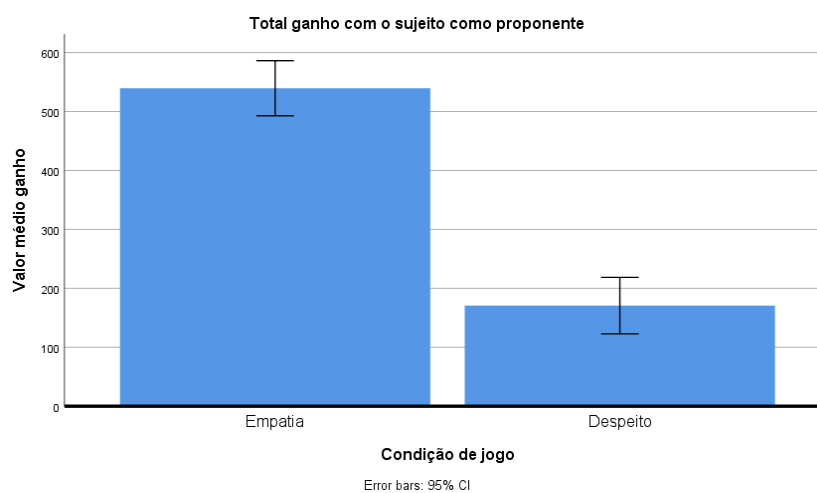


Gráfico 10 – Total ganho no jogo com o sujeito como proponente pelas duas condições de jogo

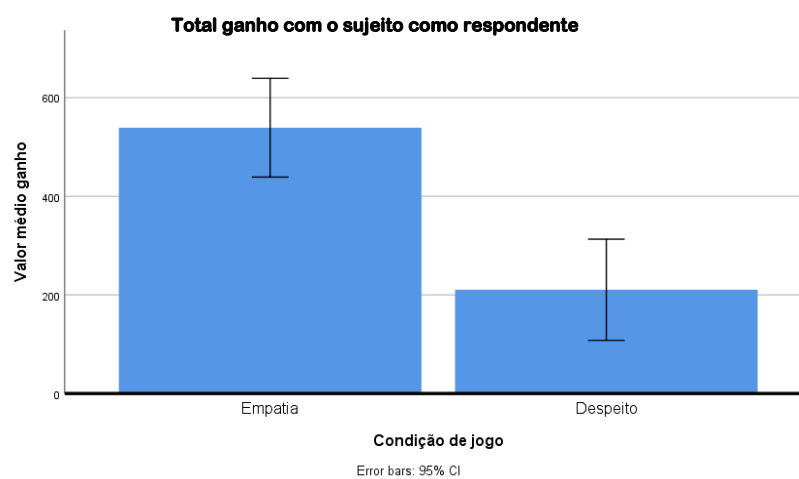


Gráfico 11 – Total ganho no jogo com o sujeito como respondente pelas duas condições de jogo

Para as análises futuras, iremos reportar-nos apenas ao valor ganho na totalidade, já que independentemente da situação de reposta, o resultado parece ser semelhante.

H2: Os participantes com um melhor desempenho a nível da teoria da mente tenham mais recursos para compreender melhor a situação de jogo e como tal conseguiram arrecadar montantes maiores, independentemente da condição em que joguem.

Realizou-se uma análise de regressão estatística, em que se considerou o desempenho ao nível do *faux-pas* como a medida da Teoria da Mente e o total ganho no jogo como medida de análise dependente. A condição de jogo foi controlada, de forma a compreender o efeito desta variável nas respostas dos participantes.

Os resultados mostram que na condição de empatia, o desempenho da teoria da mente não parece afetar significativamente o valor ganho no jogo ($r^2=0,123$; $F=3,529$; $p=0,078$). Porém, quando a situação de jogo é de despeito, a regressão estatística mostra um modelo explicativo significativo ($r^2=0,503$; $F=18,237$; $p=0,001$).

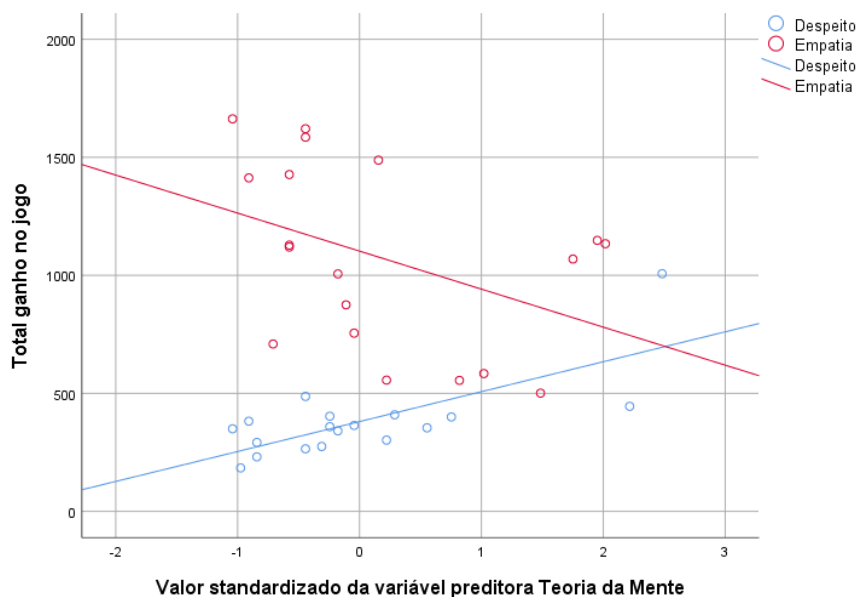


Gráfico 12 – Total ganho no jogo em comparação com o valor standardizado da variável preditora da TdM

De acordo com o gráfico, referente à segunda regressão estatística, os participantes com um melhor desempenho ao nível da teoria da mente aparentam ganhar mais dinheiro no jogo, ainda que observadamente ganhem menos dinheiro do que os participantes na condição de empatia, cujo desempenho da teoria da mente parece não influenciar os seus ganhos.

H3: O despeito influencia a capacidade de interpretação do jogo, conduzindo a ganhos menores, especialmente nas condições de despeito.

Recorrendo-se ao mesmo tipo de análise, observou-se que a tendência para o despeito, dos participantes em jogo não influencia o total ganho no jogo na condição de empatia ($r^2=0,042$; $F=0,841$; $p=0,370$) e na condição de despeito ($r^2=0,057$; $F=1,080$; $p=0,312$).

H4: Existe uma relação positiva entre o despeito e os traços antagônicos de personalidade;

Tabela 6:

Relação entre o despeito e os traços antagônicos de personalidade

		1	2	3	4
1. Despeito	<i>r</i>	—			
	<i>p</i>	—			
2. Psicopatia	<i>r</i>	0.449	—		
	<i>p</i>	0.003	—		
3. Maquiavelismo	<i>r</i>	0.580	0.479	—	
	<i>p</i>	<0 .001	0.002	—	
4. Narcisismo	<i>r</i>	0.042	0.017	0.057	—
	<i>p</i>	0.794	0.918	0.724	—

Podemos observar que existe uma relação positiva entre o despeito e o maquiavelismo e a psicopatia. Isto quer dizer que os indivíduos com maior despeito apresentam mais maquiavelismo e psicopatia, estas correlações são estatisticamente significativas.

H5: Existe uma relação positiva entre o despeito e a agressividade;

Tabela 7:

Relação entre o despeito e a agressividade

		1	2	3	4	5	6
1. Despeito	<i>r</i>	—					
	<i>p</i>	—					
2. Raiva	<i>r</i>	0.434	—				
	<i>p</i>	0.005	—				
3. Agressividade Física	<i>r</i>	0.161	0.412	—			
	<i>p</i>	0.316	0.007	—			
4. Hostilidade	<i>r</i>	0.567	0.604	0.218	—		
	<i>p</i>	<0 .001	<0.001	0.171	—		
5. Agressividade Verbal	<i>r</i>	0.217	0.610	0.719	0.296	—	
	<i>p</i>	0.173	< 0.001	< 0.001	0.060	—	
6. Agressividade Total	<i>r</i>	0.451	0.827	0.771	0.701	0.810	—
	<i>p</i>	0.003	<0 .001	< 0.001	<0 .001	<0 .001	—

Pode-se verificar que existe uma relação positiva entre o despeito e a agressividade total, ou seja, os indivíduos com maior despeito mostram ser mais agressivos, essa relação é estatisticamente significativa. Observa-se ainda uma relação positiva entre o despeito e a raiva e a hostilidade, ou seja, os indivíduos com maior despeito mostram ser mais hostis e com mais raiva, estas relações são estatisticamente significativas.

H6: Existe uma relação negativa entre o despeito e a conscienciosidade e o neuroticismo;

Tabela 8:

Relação entre o despeito e a conscienciosidade e o neuroticismo

		1	2	3	4	5	6
1. Despeito	<i>r</i>	—					
	<i>p</i>	—					
2. Neuroticismo	<i>r</i>	0.437	—				
	<i>p</i>	0.004	—				
3. Extroversão	<i>r</i>	-0.369	-0.387	—			
	<i>p</i>	0.017	0.012	—			
4. Abertura à experiência	<i>r</i>	0.219	0.033	-0.191	—		
	<i>p</i>	0.170	0.839	0.231	—		
5. Amabilidade	<i>r</i>	-0.063	-0.108	-0.023	0.342	—	
	<i>p</i>	0.694	0.503	0.886	0.028	—	
6. Conscienciosidade	<i>r</i>	-0.018	-0.155	0.226	-0.291	0.087	—
	<i>p</i>	0.911	0.332	0.156	0.065	0.590	—

Verifica-se que existe uma relação positiva entre o despeito e o neuroticismo e a extroversão, ou seja, os indivíduos com maior despeito são mais neuróticos, essa relação é estatisticamente significativa. Observa-se a existência de uma relação negativa com a extroversão, ou seja, quanto mais extrovertidos os indivíduos são menor despeito demonstram.

H7: Existe uma relação negativa entre o despeito e a empatia;

Tabela 9:

Relação entre o despeito e a empatia

		1	2
1. Empatia	<i>r</i>	—	
	<i>p</i>	—	
2. Despeito	<i>r</i>	0.119	—
	<i>p</i>	0.457	—

Observa-se através da Correlação de *Pearson* que não existe relação entre a empatia e o despeito. As variáveis apresentam uma correlação positiva fraca, não significativa, não se podendo afirmar que estão estatisticamente correlacionadas entre si.

H8) Existe uma relação negativa entre o despeito e a teoria da mente.

Tabela 10:

Relação entre o despeito e a Teoria da Mente

		1	2	3	4	5	6	7	8
1. Despeito	<i>r</i>	—							
	<i>p</i>	—							
2. Detecção correta FP	<i>r</i>	0.119	—						
	<i>p</i>	0.457	—						
3. Rejeição correta FP	<i>r</i>	-0.132	-0.101	—					
	<i>p</i>	0.411	0.528	—					
4. Comportamento inapropriado	<i>r</i>	0.121	0.987	-0.021	—				
	<i>p</i>	0.452	<0 .001	0.896	—				
5. Compreensão das Intenções	<i>r</i>	0.111	0.985	-0.004	0.994	—			
	<i>p</i>	0.488	<0 .001	0.979	< .001	—			
6. Crenças	<i>r</i>	0.045	0.974	0.010	0.978	0.982	—		
	<i>p</i>	0.788	<0 .001	0.952	< .001	< .001	—		
7. Empatia FP	<i>r</i>	0.124	0.932	0.046	0.956	0.952	0.943	—	
	<i>p</i>	0.438	<0 .001	0.775	< .001	< .001	< .001	—	
8. Compreensão história de controlos	<i>r</i>	0.241	0.228	0.018	0.276	0.268	0.284	0.320	—
	<i>p</i>	0.134	0.158	0.914	0.085	0.095	0.088	0.044	—

Verifica-se que não existe uma relação entre o despeito e a Teoria da Mente.

5. Discussão

No presente estudo propusemo-nos a compreender a relação entre a teoria da mente, a capacidade empática, os traços de personalidade antagónicos e a disposição para comportamentos de despeito em amostras não clínicas. Para isso foi utilizada uma tarefa importada da teoria dos jogos (*ultimatum game*).

O nosso objetivo geral consistiu em verificar se o desempenho ao nível da teoria da mente influencia a capacidade de entendimento da situação de jogo, permitindo aos participantes ganhar um valor mais elevado, independentemente da condição em que se encontram. Tendo estas variáveis em estudo formulou-se oito hipóteses de estudo: 1) os participantes arrecadam mais dinheiro nas condições de jogo empáticas; 2) os participantes com um melhor desempenho a nível da teoria da mente tenham mais recursos para compreender melhor a situação de jogo e como tal conseguiram arrecadar montantes maiores, independentemente da condição de jogo; 3) o despeito influencia a capacidade de interpretação do jogo, conduzindo a ganhos menores, especialmente nas condições de despeito; 4) existe uma relação positiva entre o despeito e os traços antagónicos de personalidade; 5) existe uma relação positiva entre o despeito e a agressividade; 6) existe uma relação negativa entre o despeito e a conscienciosidade e o neuroticismo; 7) existe uma relação negativa entre o despeito e a empatia; e 8) existe uma relação negativa entre o despeito e a teoria da mente.

Dada a complexidade do protocolo para garantir que não havia efeito da forma como era aplicado, metade dos participantes responderam antes do jogo e outra metade depois do jogo. Podemos observar que independentemente do momento em que os participantes responderam não havia saturação, nem houve um desinvestimento na condição de empatia, quem responde no fim parece ganhar um pouco mais esta

diferença não é significativa. O mesmo acontece na condição de despeito, pois o comportamento dos participantes é idêntico.

Na hipótese 1 observámos que o montante arrecadado quer no total ganho geral, quer com o sujeito enquanto proponente, quer como respondente, as condições empáticas do jogo permitiram ao sujeito ganhar mais dinheiro. Não é possível explicar estes resultados segundo a literatura porque não avaliamos o comportamento dos participantes no decorrer do jogo que poderia justificar o facto dos indivíduos obterem mais dinheiro nas condições empáticas. Podemos supor que os participantes tenham aceitado todas as ofertas por estas serem generosas por parte proponente (computador) e tenham proposto ofertas mais equilibradas usando as suas capacidades empáticas para se colocar no lugar da outra “pessoa” com quem dividiam o dinheiro, angariando assim mais dinheiro. De acordo com a teoria económica, os maximizadores de utilidade racional aceitarão qualquer oferta como respondedores, pois um quantia positiva de dinheiro é melhor que nada (Moreno et al., 2012). Ainda assim esta teoria não confirma a nossa hipótese porque não avaliamos o comportamento dos participantes ao longo do jogo neste estudo e não sabemos se os níveis de empatia apresentados pelos participantes influenciariam ou não os resultados finais no jogo, justificando assim o facto que ganharem mais dinheiro nas condições empáticas do que nas condições de despeito.

Na hipótese 2 os resultados mostraram que o desempenho da teoria da mente não parece afetar significativamente o valor ganho no jogo. Contudo, na condição de despeito, a TdM parece ser um recurso necessário ao sucesso na tarefa. Os participantes com um melhor desempenho a nível da TdM aparentam ganhar mais dinheiro no jogo, ainda que observadamente ganhem menos dinheiro do que os participantes na condição de empatia, cujo o desempenho da TdM parece não influenciar os ganhos. A literatura

mostra que existe uma relação entre a teoria da mente e o despeito de uma forma negativa fundamentando que os indivíduos com níveis elevados de despeito podem processar de forma deficiente as capacidades da TdM (Ewing et al., 2015). Bügermayer e Spiess (2014) verificaram que os comportamentos despeitosos pode ser um indicador para os indivíduos com capacidades superiores obterem sucesso. Balafoutas e colaboradores (2012) verificaram que os indivíduos despeitosos têm um melhor desempenho do que os indivíduos orientados para a eficiência ou aversão à desigualdade quando completam tarefa sob pressão. Os indivíduos despeitosos normalmente tendem a evitar a concorrência direta quando dada uma escolha. Argumentam que em geral as pessoas preocupam-se com a sua posição em relação aos outros e que os indivíduos podem ser mais competitivos por ele querem evitar que exista desvantagens (Balafoutas e tal., 2012 citado por Bügelmayer & Spiess, 2014). Portanto, podemos concluir que os indivíduos com elevados níveis de despeito podem ter um melhor desempenho da TdM e obterem melhores resultados no jogo o que confirma os nossos dados o que diz respeito ao facto de os indivíduos angariarem mais dinheiro quando apresentam um melhor desempenho da TdM. Contudo, a nossa hipótese não é confirmada segundo a literatura revista porque contraria o facto de o despeito afetar a TdM, ou seja, os indivíduos mais despeitados mostram ter um desempenho melhor a nível da TdM, demonstrando terem mais recursos para compreender melhor a situação de jogo e assim angariaram mais dinheiro ainda que no total geral do jogo não sejam os que ganham mais. Podemos observar ainda na hipótese 3 que o despeito não influencia o total ganho no jogo na condição de empatia e na condição de despeito. Os teóricos dos jogos definiram que os atos despeitosos são maximizadores de diferenças no entanto não conseguiram medir a extensão do despeito em si nos jogos (Kimbrough & Reiss, 2012) e tem se argumentado que o despeito tem

uma ligação importante com a competitividade e com o sucesso económico individual (Bügelmayer & Katharina Spiess, 2014; Gardner & West, 2004). O nosso estudo indica que o despeito é um traço de personalidade que não influencia os ganhos em nenhuma das duas condições de jogo. Portanto estas nossas duas hipóteses relativamente ao despeito não se confirmam segundo a teoria.

Na hipótese 4 podemos observar a existência de uma relação positiva entre o despeito e os traços antagónicos de personalidade, havendo uma correlação mais forte com o maquiavelismo seguido da psicopatia, ou seja, os indivíduos com maior despeito são mais maquiavélicos e apresentam mais psicopatia. Esta hipótese confirma-se segundo a teoria, nos diz que o despeito está associado com os traços antagónicos de personalidade porque têm em comum a tendência para provocar o mal aos outros, através de estratégias de exploração e manipulação (Paulhus & Williams, 2002). O maquiavelismo e a psicopatia partilham várias características como o egocentrismo, a frieza, manipulação, impulsividade, hostilidade e exploração dos outros (Jonason et al., 2014; Noser et al., 2015; Rauthmann, 2012) que também são traços comuns aos indivíduos despeitados. E na hipótese 5 verificou-se a existência de uma relação entre o despeito e a agressividade, ou seja, os indivíduos com maior despeito mostram ser mais agressivos. Observou-se ainda uma relação positiva com a raiva e a hostilidade o que demonstra que os indivíduos com maior despeito também são mais hostis e apresentam mais raiva. Estudos anteriores formam uma visão preliminar sobre a natureza do despeito e apontam que os indivíduos com níveis elevados de despeito tendem a comportar-se de forma agressiva e antagónica e parecem sentir pouco remorso nas suas ações, isto levou a considerar a possibilidade de o despeito poder estar ligado a dificuldades na compreensão dos estados mentais dos outros o que caracteriza os indivíduos despeitados. A própria incapacidade de avaliar com exactidão os estados

mentais dos outros podem resultar numa agressão mal direcionada (Ewing et al., 2015; Marcus et al., 2014). Apesar da investigação incidir na relação dos traços antagónicos e agressividade com a TdM, podemos verificar também uma associação com o despeito que engloba traços em comum com a *Dark Triad*, assim sendo estas nossas duas hipóteses confirmam-se segundo a teoria revista.

Na hipótese 6 verificou-se a existência de uma relação positiva entre o despeito e o neuroticismo e negativa com a extroversão, ou seja, os participantes com maior despeito são mais neuróticos e menos extrovertidos. E verificou-se ainda que existe uma relação entre o despeito e a conscienciosidade. Estes resultados vão ao encontro dos estudos anteriores como se pode encontrar no estudo de Marcus e colaboradores (2014) que avaliaram o *Big Five* onde se pode confirma essas relações entre o despeito conscienciosidade e a extroversão. Apesar do estudo avaliar as componentes do *Big Five* o neuroticismo não é referenciado, provavelmente por não se ter encontrado uma relação entre o despeito e o neuroticismo, mas os nossos resultados mostram que existe e que esta é positiva. Portanto podemos confirmar esta hipótese de existir uma relação entre o despeito e a conscienciosidade, a extroversão e o neuroticismo segundo a literatura revista.

Relativamente à hipótese 7 observou-se que não existe uma relação entre o despeito e a empatia. Seria de esperar que houvesse uma relação negativa como no estudo de Ewing e colaboradores (2015) que referem que os indivíduos com despeito parecem apresentar falta de empatia perante os outros, mas isso não se comprovou neste estudo. A própria *Dark Triad* tem vindo a ser associada à falta de empatia (Djeriouat & Trémolière, 2014; Nentjes, Bernstein, Arntz, Breukelen, & Slaats, 2015; Rauthmann, 2012; Vonk et al., 2015) e sendo o despeito um traço comum as características antagónicas seria de esperar que este também tivesse uma relação negativa com a

empatia mas isso não se verificou. Assim sendo, esta hipótese não é confirmada pela literatura pois não existe qualquer relação entre o despeito e a empatia.

Na última hipótese observou-se que não existe relação entre a teoria da mente e o despeito. Podemos propor que talvez exista aqui um efeito de moderação/mediação entre o despeito e a TdM, porque se facto o despeito for um traço de personalidade este afetará a TdM como se pode verificar em estudos anteriores (por exemplo Ewing et al., 2016). Não se tendo observado esta relação neste caso o despeito pode ser uma característica de agressividade, que eventualmente interferirá na capacidade da relação com o outro mas ainda assim também não parece haver essa relação. Portanto, não é por os indivíduos terem mais despeito que vão ter um pior desempenho na TdM, é apenas um traço de personalidade que não abona a favor dos indivíduos, mas não os faz serem maus entendedores de situação social, neste caso do jogo. Os nossos resultados não se confirmam segundo a literatura revista pois esta indica a existência de uma relação negativa entre o despeito e a TdM, sendo que as pessoas com maior despeito tendem a apresentar défices da TdM, ou seja, os indivíduos com níveis elevados de despeito podem processar de forma deficiente as capacidades da TdM (Bügelmayer & Katharina Spiess, 2014; Ewing et al., 2015; Noser et al., 2015). O instrumento de medição da TdM escolhido para este estudo mostrou-se pouco fiável para amostras não clínicas. Sendo que se provou ser muito útil e uma medida sensível à componente sociocognitiva da TdM principalmente nas perturbações mentais consideradas graves (Faísca et al., 2016).

O presente estudo mostrou-se interessante do ponto de vista empírico por testar de uma forma experimental a relação entre as medidas da teoria da mente, os traços antagónicos de personalidade, a agressividade, a empatia e o despeito, ainda assim demonstrou algumas limitações.

5.1. Limitações ao estudo

O presente estudo mostrou limitações a nível da amostra por esta ser significativamente pequena e por se correlacionar muitas variáveis o que constituiu numa dificuldade acrescida para a obtenção dos resultados na sua totalidade. O próprio despeito demonstrou ser uma limitação, devíamos de ter selecionado indivíduos com níveis de despeito mais elevados em relação aos indivíduos com baixo despeito para haver uma amplitude maior na amostra e verificarmos se existe diferenças entre os indivíduos com alto e baixo despeito, os nossos resultados médios são muito próximos. O Teste *Faux-Pas* não pareceu ser a melhor medida para medir a teoria da mente em amostras não clínicas o que pode ter contribuído para que não houvesse uma relação entre a TdM e o despeito. O facto de não termos observado o comportamento dos participantes ao longo do jogo pode ter contribuído para que não percebemos algumas relações entre as variáveis.

5.2. Propostas para futuras investigações

No futuro seria importante realmente tentar perceber se existe uma relação entre a TdM e o despeito, sendo que o nosso estudo contraria a literatura anterior. Seria interessante observar o comportamento dos indivíduos no decorrer do jogo do *ultimatum* para tentar perceber se a empatia será um factor determinante para explicar os montantes obtidos no final do jogo. A componente socioperceptiva da TdM teve um foco maior na investigação pelo que detêm mais medidas/instrumentos de avaliação da TdM mais fiáveis do que a componente sociocognitiva, seria importante encontrar novas medidas da TdM que mostrassem uma relação mais forte entre a TdM e o despeito.

6. Conclusão

O presente estudo conduziu a um conjunto de resultados relevantes que contribuíram para compreender a relação entre a teoria da mente, a capacidade empática, os traços antagônicos e a disposição para comportamentos de despeito em amostra não clínicas.

O estudo mostrou que os participantes obtiveram mais ganhos (montante em dinheiro) no jogo nas condições empáticas e menos ganhos nas condições de despeito. O desempenho da TdM foi afetado significativamente nas condições de despeito, mas parece não ser afetado nas condições empáticas. O despeito parece influenciar a capacidade de interpretação do jogo, conduzindo a ganhos menores no total do jogo. E mostraram ainda existir uma relação positiva com os traços antagônicos de personalidade em especial com o maquiavelismo e a psicopatia. Estes dados vão ao encontro da investigação anterior na sua maioria, contudo a relação entre o despeito e a TdM no presente estudo revelou-se inexistente ao contrário da literatura. Seria esperado que houvesse uma relação ainda que negativa mas o mesmo não foi comprovado. Isto revela que seria importante realizar mais investigações para se compreender ainda mais esta relação do despeito e a teoria da mente.

Para finalizar, este estudo permitiu refletir sobre a forma como os indivíduos usam a teoria da mente nas interações sociais pode ser influenciada pela capacidade empática e pelos traços antagônicos de personalidade na resposta social na interação com os outros.

7. Referências Bibliográficas

Ali, F., & Chamorro-premuzic, T. (2010). Investigating Theory of Mind deficits in nonclinical psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual*

- Differences*, 49, 169–174. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2010.03.027>
- Amaral, J. R. (1966). *Aferição do teste I.A: escala reduzida das Matrizes progressivas de J.C. Raven* (Fundação C). Cadernos do Centro de Investigação Pedagógica.
- Baron-Cohen, S., & Jolliffe, T. (1997). Another Advanced Test of Theory of Mind: Evidence from Very High Functioning Adults with Autism or Asperger Syndrome. *Journal Child Psychology and Psychiatry*, 38(7), 813–822.
- Baron-Cohen, S., & Leslie, A. M. (1985). Does the autistic child have a “theory of mind”? *Cognition*, 21, 37–46.
- Baron-Cohen, S., Richler, J., Bisarya, D., Gurunathan, N., & Wheelwright, S. (2003). The systemizing quotient : an investigation of adults with Asperger syndrome or high-functioning autism , and normal sex differences. *The Royal Society*, 358(January), 361–374. <http://doi.org/10.1098/rstb.2002.1206>
- Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., Hill, J., Raste, Y., & Plumb, I. (2001). The “Reading the Mind in the Eyes ” Test Revised Version : A Study with Normal Adults , and Adults with Asperger Syndrome or High-functioning Autism. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42(2), 241–251.
- Bechi, M., Riccaboni, R., Ali, S., Fresi, F., Buonocore, M., Bosia, M., ... Cavallaro, R. (2012). Theory of mind and emotion processing training for patients with schizophrenia: Preliminary findings. *Psychiatry Research*, 198(3), 371–377. <http://doi.org/10.1016/j.psychres.2012.02.004>
- Beck, T., Ward, C. H., Mock, J., Mendelson, M., & Erbaugh, J. (1961). An Inventory for Measuring Depression. *Archives of General Psychiatry*, 4, 53–63.
- Bügelmayer, E., & Katharina Spiess, C. (2014). Spite and cognitive skills in preschoolers. *Journal of Economic Psychology*, 45, 154–167. <http://doi.org/10.1016/j.joep.2014.10.001>

- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Personality Processes and Individual*, 63(3), 452–459. <http://doi.org/DOI: 10.1037/0022-3514.63.3.452>
- Byom, L. J., & Mutlu, B. (2013). Theory of mind : mechanisms , methods , and new directions. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7, 1–12. <http://doi.org/10.3389/fnhum.2013.00413>
- Corcoran, R., Mercer, G., & Frith, C. D. (1995). Schizophrenia , symptomatology and social inference : Investigating “ theory of mind ” in people with schizophrenia. *Schizophrenia Research*, 17, 5–13.
- Corgnet, B., Espín, A. M., & Hernán-gonzález, R. (2015). The cognitive basis of social behavior : cognitive reflection overrides antisocial but not always prosocial motives. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 9, 1–17. <http://doi.org/10.3389/fnbeh.2015.00287>
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3–17.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. (2009). Porto Editora.
- Djeriouat, H., & Trémolière, B. (2014). The Dark Triad of personality and utilitarian moral judgment : The mediating role of Honesty / Humility and Harm / Care. *Personality and Individual Differences*, 67, 11–16. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2013.12.026>
- Espín, A. M., Exadaktylos, F., Herrmann, B., & Brañas-Garza, P. (2015). Short- and long-run goals in ultimatum bargaining: impatience predicts spite-based behavior. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 9(Article 214), 1–14. <http://doi.org/10.3389/fnbeh.2015.00214>
- Ewing, D., Zeigler-Hill, V., & Vonk, J. (2015). Spitefulness and deficits in the social-

- perceptual and social-cognitive components of Theory of Mind. *Personality and Individual Differences*, *91*, 7–13.
<http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.0500191-8869>
- Ewing, D., Zeigler-hill, V., & Vonk, J. (2016). Spitefulness and deficits in the social – perceptual and social – cognitive components of Theory of Mind. *PAID*, *91*, 7–13.
<http://doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.050>
- Faísca, L., Afonseca, S., Brüne, M., Gonçalves, G., Gomes, A., & Martins, A. T. (2016). Portuguese Adaptation of a Faux Pas Test and a Theory of Mind Picture Stories. *KARGER*, 1–10. <http://doi.org/10.1159/000444689>
- Forber, P., Smead, R., Forber, P., & Smead, R. (2014). The evolution of fairness through spite The evolution of fairness through spite. *Proceedings of the Royal Society B*, *281*, 1–8. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1098/rspb.2013.2439>
- Gardner, A., & West, S. A. (2004). Spite and the scale of competition. *Journal of Evolutionary Biology*, *17*(1963), 1195–1203. <http://doi.org/10.1111/j.1420-9101.2004.00775.x>
- Goldman, A. I. (2012). Theory of Mind. *Joint Ventures: Mindreading, Mirroring and Embodied Cognition*, 20–24. <http://doi.org/12/06/2013>
- Güth, W., Schmittberger, R., & Schwarze, B. (1982). An Experimental Analysis of Ultimatum Bargaining. *Journal of Economic Behavior and Organization*, *3*, 367–388.
- Hamilton, W. D. (1970). Selfish and Spiteful Behavior in an Evolutionary Model. *Nature*, *228*, 1218–1220.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, *29*, 589–611.
<http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>

- Jonason, P. K., & Krause, L. (2013). The emotional deficits associated with the Dark Triad traits : Cognitive empathy , affective empathy , and alexithymia. *Personality and Individual Differences*, 55(5), 532–537. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2013.04.027>
- Jonason, P. K., Strosser, G. L., Kroll, C. H., Duineveld, J. J., & Baruffi, S. A. (2014). Valuing myself over others : The Dark Triad traits and moral and social values. *Personality and Individual Differences*, 81, 102–106. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.10.045>
- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2011). A protean approach to social influence : Dark Triad personalities and social influence tactics q. *Personality and Individual Differences*, 52(4), 521–526. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2011.11.023>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A Brief Measure of Dark Personality Traits. *SAGE*, 2(1), 28–41. <http://doi.org/10.1177/1073191113514105>
- Kanske, P., Anne, B., Trautwein, F., Lesemann, F. H. P., & Singer, T. (2016). Are strong empathizers better mentalizers? Evidence for independence and interaction between the routes of social cognition. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 1–30.
- Kanske, P., Böckler, A., Trautwein, F., & Singer, T. (2015). Dissecting the social brain: Introducing the EmpaToM to reveal distinct neural networks and brain-behavior relations for empathy and Theory of Mind. *NeuroImage*, 1–14. <http://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2015.07.082>
- Kimbrough, E. O., & Reiss, J. P. (2012). Measuring the Distribution of Spitefulness, 7(8), 1–8. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0041812>
- Kinderman, P., Dunbar, R., & Bentall, R. P. (1998). Theory of Mind deficits and causal

- attributions. *British Journal of Psychology*, 89, 191–204.
- Langton, S. R. H., Watt, R. J., & Bruce, V. (2000). Do the eyes have it? Cues to the direction of social attention. *Trends in Cognitive Sciences*, 4(2), 50–59.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia : Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8(2), 171–184.
- Marcus, D. K., Zeigler-Hill, V., Mercer, S. H., & Norris, A. L. (2014). The psychology of spite and the measurement of spitefulness. *Psychological Assessment*, 26(2), 563–74. <http://doi.org/10.1037/a0036039>
- Mccrae, R. R., & Costa Jr, P. T. (2004). A contemplated revision of the NEO Five-Factor Inventory. *Personality and Individual Differences*, 36, 587–596. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00118-1](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00118-1)
- Morelli, S. A., Lieberman, M. D., & Zaki, J. (2015). The Emerging Study of Positive Empathy. *Social and Personality Psychology Compass*, 9/2, 57–68. <http://doi.org/10.1111/spc3.12157>
- Moreno, Y., Sa, A., Iranzo, J., & Flori, L. M. (2012). Empathy Emerges Spontaneously in the Ultimatum Game: Small Groups and Networks, 7(9), 13–16. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0043781>
- Nentjes, L., Bernstein, D., Arntz, A., Breukelen, G. Van, & Slaats, M. (2015). Examining the influence of psychopathy , hostility biases , and automatic processing on criminal offenders Theory of Mind. *International Journal of Law and Psychiatry*, 38, 92–99. <http://doi.org/10.1016/j.ijlp.2015.01.012>
- Nentjes, L., Bernstein, D., Arntz, A., van Breukelen, G., & Slaats, M. (2015). Examining the influence of psychopathy, hostility biases, and automatic processing on criminal offenders' Theory of Mind. *International Journal of Law and Psychiatry*, 38, 92–9. <http://doi.org/10.1016/j.ijlp.2015.01.012>

- Nettle, D., & Liddle, B. (2008). Agreeableness is Related to Social-cognitive , but Not Social-perceptual , Theory of Mind. *European Journal of Personality*, 22, 323–335. <http://doi.org/10.1002/per.672>
- Noser, A. E., Zeigler-hill, V., Vrabel, J. K., Besser, A., Ewing, T. D., & Southard, A. C. (2015). Dark and immoral : The links between pathological personality features and moral values. *Personality and Individual Differences*, 75, 30–35. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.11.010>
- Pais-Ribeiro, J., & Bertoquini, V. (2016). Estudo de formas muito reduzidas do Modelo dos Cinco Factores da Personalidade. *Psychologica*, 43(November), 193–210.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [http://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](http://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com Adolescentes Portugueses em Contexto Forense e Escolar. *Arquivos de Medicina*, 25(Nº 5/6), 174–179.
- Pinto-Gouveia, J. A., Cunha, M. I., & Salvador, M. do C. (2003). Assessment Of Social Phobia By Self-Report Questionnaires : The Social Interaction And Performance Anxiety Anxiety And Avoidance Scale And The Social Phobia Safety Behaviours Scale. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 31, 291–311. <http://doi.org/10.1017/S1352465803003059>
- Preckel, K., Kanske, P., & Singer, T. (2018). On the interaction of social affect and cognition : empathy , compassion and theory of mind. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 19, 1–6. <http://doi.org/10.1016/j.cobeha.2017.07.010>
- Prieto, G., Quintão, S., & Delgado, A. R. (2011). Avaliação da escala de auto-estima de rosenberg mediante o modelo de rasch. *Psicologia*, XXV(2), 87–101.

- Rauthmann, J. F. (2012). How “ dark ” are the Dark Triad traits ? Examining the perceived darkness of narcissism , machiavellianism , and psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 53(7), 884–889. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2012.06.020>
- Rodrigues, J., Lopes, a., Giger, J.-C., Gomes, a., Santos, J., & Gonçalves, G. (2011). Escalas de medição do quociente de empatia/sistematização: Um ensaio de validação para a população portuguesa. *Psicologia*, 25(1), 73–89.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: NJ: Princeton University Press.
- Santos, J., & Maia, J. (2003). Análise Factorial Confirmatória e Validação Preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria , Investigação E Prática*, 2, 253–268.
- Santos, N. (2012). *Teoria da Mente , esquizofrenia e inimputabilidade : estudo exploratório*. Universidade do Minho.
- Shamay-Tsoory, S. G., Tomer, R., Goldsher, D., Berger, B. D., & Aharon-Peretz, J. (2004). Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology Impairment in Cognitive and Affective Empathy in Patients with Brain Lesions : Anatomical and Cognitive Correlates. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, 26(8), 37–41. <http://doi.org/10.1080/13803390490515531>
- Sharp, C., & Vanwoerden, S. (2014). Social cognition: empirical contribution. The developmental building blocks of psychopathic traits: revisiting the role of theory of mind. *Journal of Personality Disorders*, 28(1), 78–95. <http://doi.org/10.1521/pedi.2014.28.1.78>
- Silva, C. (2012). *O Jogo do Ultimato : um estudo experimental*. Universidade do Minho.

- Stellwagen, K. K., & Kerig, P. K. (2013). Dark triad personality traits and theory of mind among school-age children. *Personality and Individual Differences, 54*(1), 123–127. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2012.08.019>
- Tager-Flusberg, H., & Sullivan, K. (2000). A componential view of theory of mind : evidence from Williams syndrome. *Cognition, 76*(2000), 59–89.
- Trigo, M. (2007). *Cigarros, Tabaco e Nicotina: Fatores Biocomportamentais associados ao Tabagismo*. Universidade de Lisboa.
- Tusche, A., Böckler, A., Kanske, P., Trautwein, F.-M., & Singer, T. (2016). Decoding the Charitable Brain : Empathy , Perspective Taking , and Attention Shifts Differentially Predict Altruistic Giving. *The Journal of Neuroscience, 36*(17), 4719–4732. <http://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.3392-15.2016>
- Valk, L., Bernhardt, B. C., Böckler, A., Trautwein, F., Kanske, P., & Singer, T. (2016). Socio-Cognitive Phenotypes Differentially Modulate Large-Scale Structural Covariance Networks. *Cerebral Cortex, 1–11*. <http://doi.org/10.1093/cercor/bhv319>
- Vonk, J., Zeigler-hill, V., Ewing, D., Mercer, S. H., & Noser, A. E. (2015). Mindreading in the dark: Dark personality features and theory of mind. *Personality and Individual Differences, 87*, 50–54. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.025>
- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the dark triad of personality. *Personality and Individual Differences, 52*(7), 794–799. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.008>
- Wakabayashi, A., Baron-cohen, S., Wheelwright, S., Goldenfeld, N., Delaney, J., Fine, D., ... Weil, L. (2006). Development of short forms of the Empathy Quotient (EQ-Short) and the Systemizing Quotient (SQ-Short). *Personality and Individual*

Differences, 41, 929–940. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2006.03.017>

Yamagishi, T., Horita, Y., Mifune, N., Hashimoto, H., Li, Y., & Shinada, M. (2012).

Rejection of unfair offers in the ultimatum game is no evidence of strong reciprocity, *109*, 20364–20368. <http://doi.org/10.1073/pnas.1212126109/-/DCSupplemental>.www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1212126109

Zeigler-hill, V., Noser, A. E., Roof, C., Vonk, J., & Marcus, D. K. (2015). Spitefulness

and moral values. *Personality and Individual Differences*, 77, 86–90. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.12.050>

ANEXOS

Anexo A- Escala de Spitefulness/Despeito

Instrumento 1

De seguida ser-lhe-ão apresentadas 31 afirmações. Para cada uma das afirmações deverá indicar em que medida se identifica com as mesmas. A escala de resposta vai de **discordo totalmente** (representado com o valor **1**) até **concordo totalmente** (representado pelo valor **5**). Não há respostas certas ou erradas. Pedimos-lhe que seja totalmente sincero ao responder.

	1 (Discordo Totalmente)	2	3	4	5 (Concordo Totalmente)
1.Vale a pena arriscar a minha reputação ao fazer boatos sobre alguém de quem não gosto.					
2.Ao chegar ao meu carro num parque de estacionamento cheio e me parecer que outro condutor quer o meu lugar de estacionamento, demorarei o meu tempo para tirar o carro do lugar.					
3.Espero que o governo eleito veja os seus esforços bem-sucedidos para melhorar o meu país, mesmo que não tenha votado nele.					
4.Sou capaz de aumentar o volume da música porque os meus vizinhos se queixaram, mesmo que possa ser multado.					
5.Se pudesse, pagava para ver um colega de quem não gosto reprovar num exame.					
6.Às vezes, não me importava de me prejudicar um pouco, se com isso pudesse punir alguém que o merecesse.					
7.Eu preferia que ninguém tivesse privilégios nas aulas, se isso significasse que ninguém teria mais do que eu.					
8. Eu preferia que os candidatos políticos, em quem eu não voto, não consigam realizar as suas promessas mesmo que isso signifique que o país fique a perder.					
9.Não me importaria de receber um murro se isso significasse que alguém de quem não gosto recebesse dois.					
10. Não me importaria de pagar mais dinheiro por alguns bens e serviços, se as pessoas de quem não gosto pagassem mais do que eu.					
11.Se eu for um dos últimos estudantes a acabar o exame e reparar que o professor está impaciente, faço por usar todo o tempo disponível só para o irritar.					

12.Se o meu vizinho se queixar da aparência da entrada da minha casa, não importaria de o tornar pior só para o irritar mais.					
13.Eu aceito uma carga maior de trabalho se os meus colegas também tiverem que o fazer, especialmente os que o fazer, especialmente os que não gosto.					
14.Eu não me importava de ser beneficiado numa disciplina escolar, mesmo que outros fossem mais beneficiados do que eu.					
15.Uma parte de mim fica contente quando as pessoas de quem não gosto falham, ainda que essa falha também me possa prejudicar a mim de alguma maneira.					
16.Quando estou numa loja, a fazer um pagamento, e a pessoa começa atrás de mim começa a pressionar para me despachar, propositadamente levo mais tempo para pagar.					
17.Às vezes, vale a pena um pouco de sofrimento só para ver outros receberem o castigo que merecem.					
18.Era capaz de me opor a uma lei que beneficiasse mais outras pessoas do que a mim.					
19.Se for o ultimo aluno em aula a terminar o teste, tentaria acabar em menos tempo para não ser inconveniente com o professor.					
20.Eu colocaria a hipótese de travar o carro só para assustar um condutor que venha “colado” a mim.					
21.Se for para os meus colegas receberem um aumento maior do que o meu, então preferiria que ninguém recebesse um aumento.					
22.Já houve alturas em que prejudiquei alguém intencionalmente mesmo sabendo que isso também me iria prejudicar.					
23.Se um colega meu ficasse ofendido com algum cartoon humorístico que eu lho mostrasse, o mais certo seria escondê-lo.					
24.Eu ficaria contente em receber um aumento mesmo que os meus colegas recebessem aumentos maiores do que os meus.					
25.Quando um carro está muito “colado” a mim, até sou capaz de diminuir a velocidade só para irritar o outro condutor.					
26.Tento ser mais rápido possível no multibanco quando vejo que a pessoa atrás de mim está com pressa.					
27.Se noto que o carro atrás de mim está demasiado perto, facilito-lhe a manobra para me ultrapassar, já que poderá estar com pressa.					
28.Procuraria arranjar a entrada da minha casa, se o meu vizinho reclamasse da mesma.					

29.Opor-me-ia a um programa de governo que administrasse vacinas gratuitas aos imigrantes ilegais, mesmo que esse programa prevenisse uma epidemia global.					
30.Não me prejudicaria, mesmo que pouco, para ver alguém receber a punição que merece.					
31.Eu continuaria a apoiar uma equipa e a ficar feliz com o seu sucesso, mesmo que essa equipa me tivesse rejeitado.					

Instrumento 2

Este instrumento é composto por 10 afirmações. Para cada uma das afirmações deverá indicar em que medida se identifica com as mesmas. A escala de resposta vai de **discordo totalmente** (representado com o valor **1**) até **concordo totalmente** (representado com o valor **5**). Não há respostas certas ou erradas. Pedimos-lhe apenas que seja totalmente sincero ao responder.

	1 (Discordo Totalmente)	2	3	4	5 (Concordo Totalmente)
1.Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).					
2.Por vezes penso que não sou bom/boa em nada.					
3.Sinto que tenho algumas qualidades.					
4.Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.					
5.Sinto que não tenho muito de me orgulhar.					
6.Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil.					
7.Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos quanto à generalidade das pessoas.					
8.Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).					
9.Bem vistas as coisas, inclino-me para sentir que sou um(a) falhado(a).					
10.Adoto uma atitude positiva para comigo.					

Instrumento 3

Este instrumento é composto por 29 afirmações. Cada afirmação diz respeito a um comportamento ou aspecto pessoal. Deverá assinalar em que medida se identifica com a afirmação, utilizando uma escala de resposta que varia entre **Nunca** (representado pelo valor **1**) e **Sempre** (representado pelo valor **5**). Recordamos que não existem respostas certas ou erradas. Deverá responder da forma mais sincera possível.

	1 (Nunca)	2	3	4	5 (Sempre)
1. Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso.					
2. Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos, faço-o.					
3. Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão.					
4. Quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente.					
5. Já fiquei tão zangado que parti coisas.					
6. Não consigo evitar discutir com as pessoas quando elas discordam de mim.					
7. Pergunto-me porque é que às vezes me sinto tão amargo com as coisas.					
8. De vez em quando não consigo controlar a vontade de bater noutra pessoa.					
9. Sou uma pessoa extremamente calma.					
10. Fico desconfiado de estranhos muito amáveis.					
11. Já ameacei pessoas que conheço.					
12. Exalto-me facilmente, mas passa-me depressa.					
13. Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa.					
14. Quando as pessoas me irritam, chego a dizer-lhes o que penso delas.					
15. Às vezes fico cheio de ciúmes dos outros.					
16. Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém.					
17. Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.					
18. Tenho dificuldades em controlar o meu feitio.					
19. Quando fico frustrado, mostro a minha irritação.					
20. Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas.					
21. Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas.					
22. Se alguém me bate, bato-lhe também.					
23. Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir.					
24. As outras pessoas parecem ter sempre as melhores oportunidades.					

25.Houve pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a “vias de facto”.					
26.Sei de “amigos” que falam de mim.					
27.Os meus amigos dizem que gosto de me meter em discussões.					
28Às vezes perco o controlo sem razão alguma.					
29.Meto-me em brigas mais vezes que a maioria das pessoas.					

Instrumento 4

Leia cada uma das 20 afirmações com atenção. Para cada afirmação marque com uma cruz apenas a coluna que melhor corresponde à sua opinião. Não existem respostas certas nem erradas. Descreva as suas opiniões rápida, espontânea e honestamente. Responda a todas as questões. Assinale **Discordo Fortemente** se a afirmação for definitivamente falsa ou se discordar fortemente dela. Assinale **Discordo** se a afirmação for, na maior parte das vezes, falsa ou se discordar dela. Assinale **Neutro** se a afirmação for igualmente falsa e verdadeira, se não se decidir ou se a sua posição perante o que foi dito é completamente neutra. Assinale **Concordo** se a frase for, na maior parte das vezes, verdadeira ou se concordar com ela. Assinale **Concordo Fortemente** se a frase for definitivamente verdadeira ou se concordar fortemente com ela.

	Discordo Fortemente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Fortemente
1. Raramente estou triste ou deprimido(a).					
2. Sou uma pessoa alegre e bem-disposta.					
3. A poesia pouco ou nada me diz.					
4. Tendo a pensar o melhor acerca das pessoas.					
5. Sou eficiente e eficaz no meu trabalho.					
6.Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
7. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					
8. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
9. A minha primeira reação é confiar nas pessoas					
10. Sou uma pessoa muito competente.					
11. Raramente me sinto só ou abatido(a).					
12. Sou uma pessoa muito ativa.					
13. Acho as discussões filosóficas aborrecidas.					

14. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
15. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					
16. Houve alturas em que experimentei ressentimento e amargura.					
17. Sou dominador(a), cheio(a) de força e combativo(a).					
18. Não dou grande importância às coisas da arte e da beleza.					
19. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
20. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					

Instrumento 5

Este é o último instrumento a ser respondido. Por favor, classifique o grau com que concorda com as seguintes afirmações de acordo com a escala seguinte. Seja sincero nas suas respostas, todas estas serão confidenciais.

	Discordo Fortemente	Discordo um pouco	Não concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo Fortemente
1. Não é inteligente contar os seus segredos.					
2. A maioria das pessoas que progride na vida leva vidas moralmente limpas.					
3. De um modo geral, as pessoas não trabalham arduamente a menos que o tenham de o fazer.					
4. Nasce um idiota a cada minuto.					
5. Custe o que custar, há que ter as pessoas importantes do seu lado.					
6. Cuidado com o que se diz porque nunca se sabe quem pode ser útil no futuro.					
7. É inteligente guardar informação que se possa utilizar contra as pessoas mais tarde.					
8. Deve-se esperar pelo momento certo para se vingar das pessoas.					
9. Há coisas que não se devem contar aos outros pois estes não precisam de saber.					
10. As pessoas veem-me como um líder.					
11. Odeio ser o centro das atenções.					
12. Muitas atividades de grupo tendem a ser aborrecidas sem mim.					
13. Eu sei que sou especial porque toda a gente me diz isso.					

14.Aqueles com talento e boa aparência não os devem esconder.					
15.Gosto de me relacionar com pessoas importantes.					
16.Sinto-me envergonhado(a) quando alguém me elogia.					
17.Já fui comparado(a) a pessoas famosas.					
18.É provável que me exhiba se tiver a oportunidade.					
19.Gosto de me vingar das autoridades.					
20.Evito situações perigosas.					
21.Procuro emoções fortes.					
22.A vingança deve ser rápida e desagradável.					
23.As pessoas costumam dizer que estou fora de controlo.					
24.É verdade que posso ser cruel.					
25.Quem se mete comigo arrepende-se sempre.					
26.Nunca tive problemas com a lei.					
27.Gosto de me meter com os falhados.					

Anexo B- Escala de Ansiedade e de Evitamento em Situações de Desempenho e de Interação Social (EAESDIS)
Pinto-Gouveia, Cunha, & Salvador (2003)

Assinale o grau de desconforto ou ansiedade e o grau de evitamento que cada uma das situações assinaladas lhe provoca, utilizando a escala de resposta de 1 a 4, abaixo indicada. Aponte, nas linhas em branco, outras situações que lhe causam desconforto ou que evite mas que estejam mencionadas.

Situações Sociais	Desconforto/Ansiedade				Evitamento			
	(1=Nenhum;	2=Ligeiro;	3=Médio;	4=Severo)	(1=Nunca (0%);	2=Às vezes (1-33%);	3=Muitas vezes (34-67%);	4=Quase sempre (68-100%))
1.Participar numa atividade de grupo	1	2	3	4	1	2	3	4
2. Comer em público	1	2	3	4	1	2	3	4
3. Beber num local público	1	2	3	4	1	2	3	4
4. Representar, agir ou falar perante uma audiência	1	2	3	4	1	2	3	4
5.Ir a uma festa	1	2	3	4	1	2	3	4
6.Trabalhar enquanto se está a ser observado/a	1	2	3	4	1	2	3	4
7.Escrever enquanto se está a ser observado/a	1	2	3	4	1	2	3	4
8.Telefonar a alguém que não conhece bem	1	2	3	4	1	2	3	4
9.Falar com alguém que não conhece bem	1	2	3	4	1	2	3	4
10.Encontrar-se com estranhos/desconhecidos	1	2	3	4	1	2	3	4
11. Urinar num W.C. público	1	2	3	4	1	2	3	4
12.Entrar numa sala onde os outros já estão sentados	1	2	3	4	1	2	3	4
13.Ser o centro das atenções	1	2	3	4	1	2	3	4
14.Levantar-se e fazer um pequeno discurso, sem preparação prévia, numa festa	1	2	3	4	1	2	3	4
15.Fazer um teste às suas capacidades, competências ou conhecimentos	1	2	3	4	1	2	3	4
16.Expressar desacordo ou reprovação a alguém que não conhece muito bem	1	2	3	4	1	2	3	4
17.Olhar diretamente nos olhos de alguém que não se conhece muito bem	1	2	3	4	1	2	3	4
18.Apresentar oralmente um trabalho	1	2	3	4	1	2	3	4
19.Tentar convencer alguém para um relacionamento romântico/sexual (cortejar)	1	2	3	4	1	2	3	4

20.Devolver um artigo e obter um reembolso	1	2	3	4	1	2	3	4
21.Dar uma festa	1	2	3	4	1	2	3	4
22.Resistir à pressão elevada dum elevador	1	2	3	4	1	2	3	4
23.Ir a uma entrevista para arranjar emprego	1	2	3	4	1	2	3	4
24.Pedir uma informação a uma pessoa desconhecida (ex: perguntar as horas, o nome da rua, morada, etc.)	1	2	3	4	1	2	3	4
25. Juntar-se, numa mesa de café, a um grupo de colegas que não se conhece bem	1	2	3	4	1	2	3	4
26. Pedir um favor a outra pessoa	1	2	3	4	1	2	3	4
27.Falar com uma pessoa que admire	1	2	3	4	1	2	3	4
28.Numa festa, participar em jogos e/ou danças	1	2	3	4	1	2	3	4
29.Convidar alguém, pela primeira vez para sair	1	2	3	4	1	2	3	4
30.Aproximação do empregado quando se entrou numa loja só para ver	1	2	3	4	1	2	3	4
31.Conversar com pessoas do sexo oposto	1	2	3	4	1	2	3	4
32.Aceitar um elogio	1	2	3	4	1	2	3	4
33. Participar num encontro com pessoas de cultura diferente	1	2	3	4	1	2	3	4
34.Ir a uma discoteca com um/a amigo/a	1	2	3	4	1	2	3	4
35.Pedir a outra pessoa que mude um comportamento que nos desagrada	1	2	3	4	1	2	3	4
36.Ser chamado ao gabinete do chefe ou professor	1	2	3	4	1	2	3	4
37.Falar com alguém uma língua estrangeira que não se domina bem	1	2	3	4	1	2	3	4
38. Fazer um exame oral	1	2	3	4	1	2	3	4
39.Queixar-se quando alguém tenta passar à sua frente numa fila	1	2	3	4	1	2	3	4
40. Ser chamado para “ir ao quadro”	1	2	3	4	1	2	3	4
41.Tomar a iniciativa de colocar uma questão ou pedir um esclarecimento numa aula ou reunião	1	2	3	4	1	2	3	4
42.Responder a uma questão colocada pelo professor no meio da aula	1	2	3	4	1	2	3	4
43.Chegar atrasado/a ou adiantado/a a uma reunião ou aula	1	2	3	4	1	2	3	4
44.Falar com pessoas numa condição sociocultural superior	1	2	3	4	1	2	3	4

Das situações apontadas escolha, agora, as cinco situações que lhe provocam mais desconforto, colocando os respectivos números nos quadros abaixo indicados:

Anexo C - Inventário de Depressão de Beck

Este questionário consiste em **21 grupos** de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça **um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3)** diante da afirmação, em cada grupo, que **descreve melhor a maneira como você tem se sentido** nesta semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem se aplicar igualmente bem, **faça um círculo em cada uma**. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer a sua escolha.

1. 0 Não me sinto triste.
 - 1 Eu me sinto triste.
 - 2 Estou sempre triste e não consigo sair disso.
 - 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

2. 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro.
 - 1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro.
 - 2 Acho que nada tenho a esperar.
 - 3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.

3. 0 Não me sinto um fracasso.
 - 1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum.
 - 2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.
 - 3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.

4. 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes.
 - 1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes.
 - 2 Não encontro um prazer real em mais nada.
 - 3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.

5. 0 Não me sinto especialmente culpado.
 - 1 Eu me sinto culpado às vezes.
 - 2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo.
 - 3 Eu me sinto sempre culpado.

- 6.** 0 Não acho que esteja sendo punido.
1 Acho que posso ser punido.
2 Creio que vou ser punido.
3 Acho que estou sendo punido.
- 7.** 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo.
1 Estou decepcionado comigo mesmo.
2 Estou enojado de mim.
3 Eu me odeio.
- 8.** 0 Não me sinto de qualquer modo pior que os outros.
1 Sou crítico em relação a mim devido a minhas fraquezas ou meus erros.
2 Eu me culpo sempre por minhas falhas.
3 Eu me culpo por tudo de mal que acontece.
- 9.** 0 Não tenho quaisquer idéias de me matar.
1 Tenho idéias de me matar, mas não as executaria.
2 Gostaria de me matar.
3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.
- 10.** 0 Não choro mais que o habitual.
1 Choro mais agora do que costumava.
2 Agora, choro o tempo todo.
3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo mesmo que o queira.
- 11.** 0 Não sou mais irritado agora do que já fui.
1 Fico molestado ou irritado mais facilmente do que costumava.
2 Atualmente me sinto irritado o tempo todo.
3 Absolutamente não me irrita com as coisas que costumavam irritar-me.
- 12.** 0 Não perdi o interesse nas outras pessoas.
1 Interesse-me menos do que costumava pelas outras pessoas.
2 Perdi a maior parte do meu interesse nas outras pessoas.
3 Perdi todo o meu interesse nas outras pessoas.

- 13.** 0 Tomo decisões mais ou menos tão bem como em outra época.
- 1 Adio minhas decisões mais do que costumava.
 - 2 Tenho maior dificuldade em tomar decisões do que antes.
 - 3 Não consigo mais tomar decisões.
- 14.** 0 Não sinto que minha aparência seja pior do que costumava ser.
- 1 Preocupo-me por estar parecendo velho ou sem atrativos.
 - 2 Sinto que há mudanças permanentes em minha aparência que me fazem parecer sem atrativos.
 - 3 Considero-me feio.
- 15.** 0 Posso trabalhar mais ou menos tão bem quanto antes.
- 1 Preciso de um esforço extra para começar qualquer coisa.
 - 2 Tenho de me esforçar muito até fazer qualquer coisa.
 - 3 Não consigo fazer nenhum trabalho.
- 16.** 0 Durmo tão bem quanto de hábito.
- 1 Não durmo tão bem quanto costumava.
 - 2 Acordo uma ou duas horas mais cedo do que de hábito e tenho dificuldade para voltar a dormir.
 - 3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e tenho dificuldade para voltar a dormir.
- 17.** 0 Não fico mais cansado que de hábito.
- 1 Fico cansado com mais facilidade do que costumava.
 - 2 Sinto-me cansado ao fazer quase qualquer coisa.
 - 3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.
- 18.** 0 Meu apetite não está pior do que de hábito.
- 1 Meu apetite não é tão bom quanto costumava ser.
 - 2 Meu apetite está muito pior agora.
 - 3 Não tenho mais nenhum apetite.
- 19.** 0 Não perdi muito peso, se é que perdi algum ultimamente.
- 1 Perdi mais de 2,5 Kg.
 - 2 Perdi mais de 5,0 Kg.
 - 3 Perdi mais de 7,5 Kg.

Estou deliberadamente tentando perder peso, comendo menos: SIM () NÃO ()

20. 0 Não me preocupo mais que o de hábito com minha saúde.

1 Preocupo-me com problemas físicos como dores e aflições ou perturbações no estômago ou prisão de ventre.

2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa que não isso.

3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em outra coisa.

21. 0 Não tenho observado qualquer mudança recente em meu interesse sexual.

1 Estou menos interessado por sexo que costumava.

2 Estou bem menos interessado em sexo atualmente.

3 Perdi completamente o interesse por sexo.

Anexo D - Folha de resultados M.P.R.

Série E

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	

Tempo	Total_Certos

Anexo E - Faux Pas Recognition Test
(versão Adulta)

Se responder SIM à 1ª pergunta “Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?” responda a todas.
Se Responder NÃO à primeira questão responda só às questões de controlo.

1. A Ana estava numa festa em casa do seu amigo Bruno. Ela estava a conversar com o Bruno quando uma outra mulher se aproximou deles. Era uma das vizinhas de Bruno. A mulher disse: “Olá!”. Depois virou-se para a Ana e disse: “Eu acho que não nos conhecemos. O meu nome é Maria, qual é o teu?”. “Eu sou a Ana”. Alguém quer beber alguma coisa?” - Perguntou Bruno.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte:

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

O Bruno sabia que a Ana e a Maria não se conheciam?

Como pensa que a Ana se sentiu?

Questões controle: Na história onde estava a Ana?

A Ana e a Maria conheciam-se?

2. O marido da Helena estava a preparar uma festa surpresa para o seu aniversário. Ele convidou Sara, uma amiga da Helena e disse: “ Não digas a ninguém, especialmente à Helena”. No dia anterior à festa, a Helena estava na casa da Sara e a Sara entornou café no vestido novo que estava pendurado na cadeira. “Oh! Disse a Sara: “Eu ia usar este vestido na tua festa!”. “Que festa?” - Disse a Helena. “Anda lá!” - Disse Sara - “Vamos ver se eu consigo tirar a nódoa”.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

A Sara ter-se-á lembrado que a festa era uma festa surpresa?

Como pensa que a Helena se sentiu?

Questões de controlo: Na história, para quem era a festa surpresa?

O que foi entornado no vestido?

3. O António estava a comprar uma camisa para combinar com o seu fato. O vendedor mostrou-lhe várias camisas. O António olhou para elas e finalmente encontrou uma que era da cor certa. Mas quando foi para o provador e a experimentou, ela não servia. Lamento mas é muito pequena” – disse ele para o vendedor. “Não se preocupe” - disse o vendedor – “Para a semana que vem, vamos receber mais destas camisas num tamanho maior”. “Ótimo! Então volto depois” – disse o António.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando António experimentou a camisa, ele sabia que na loja não havia o seu tamanho?

Como é que acha que António se sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que António ia comprar?

Porquê é que ele vai voltar para a semana?

4. A Camila tinha acabado de se mudar para um novo apartamento. A Camila foi às compras e comprou umas cortinas novas para o quarto. Justamente quando ela tinha acabado de decorar o apartamento, a sua melhor amiga Sara veio visitá-la. A Camila mostrou-lhe o apartamento e perguntou: “ Gostas do meu quarto?” “Essas cortinas são horríveis” – disse Sara. Espero que arranjes umas novas!”.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que a Sara sabia que a Camila tinha acabado de comprar as cortinas?

Como é que acha que a Camila se sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que a Camila tinha comprado?

Há quanto tempo é que a Camila estava a viver naquele apartamento?

5. O Luís foi ao barbeiro para cortar o cabelo. “Que tipo de corte deseja?” – Perguntou o barbeiro. - “Eu gostaria do mesmo estilo que tenho agora mas com um centímetro a menos!” – Respondeu o Luís. O barbeiro cortou de forma um pouco irregular à frente, por isso teve que cortá-lo mais curto para o nivelar. "Eu receio que esteja um pouco mais curto do que você pediu", disse o barbeiro. - "Ora, deixe lá!" - disse o Luís - "O cabelo cresce!."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Enquanto o barbeiro estava a cortar o cabelo, o Luís sabia ele estava a corta-lo muito curto?

Como acha que o Luís se sentiu?

Questão de controlo: na história, como é que Luís queria o seu corte de cabelo?

Como é que o barbeiro cortou o cabelo?

6. O João parou no posto de gasolina a caminho de casa para atestar o carro. Ele deu o cartão multibanco à empregada da caixa. A empregada passou o cartão e disse "Sinto muito, a máquina não aceita o seu cartão." "Hummm, isso é estranho" - disse o João. - "Bem, então eu pago em dinheiro." Ele deu-lhe 50 euros e disse: - "Eu atestei o carro com gasolina sem chumbo."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando ele entregou seu cartão na caixa, João sabia que a máquina não iria aceitar o seu cartão?

Como é que acha que João se sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que o João foi comprar?

Porquê e que pagou em dinheiro?

7. A Susana é uma menina de três anos de idade, com um rosto redondo e cabelo loiro curto. Ela estava na casa da sua tia Carolina. A campainha tocou e a tia Carolina atendeu. Era a Maria, uma vizinha. "Olá! Que bom teres aparecido por aqui" disse a Tia Carolina. A Maria disse: "Olá", depois olhou para Susana e disse: "Oh, eu acho que ainda não conheço este menino. Como te chamas?"

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que a Maria sabia que a Susana era uma menina?

Como é que acha que a Susana se sentiu?

Questão de controlo: Na história, onde estava a Susana?

Quem é que foi visitar a tia carolina?

8. A Joana levou o seu cão Bolinhas ao parque. Ela atirou um pau para ele ir buscar. Depois de estar lá há algum tempo, Isabel, uma vizinha da Joana, passou. Elas conversaram durante alguns minutos. Em seguida, Isabel perguntou: "Estas a ir para casa? Queres que te acompanhe?" "Claro!", disse Joana. Ela chamou pelo Bolinhas, mas ele estava ocupado a perseguir pombos e não veio. "Parece que ele não está pronto para voltar ", disse ela. "Acho que vou ficar." "OK", disse a Isabel. "Vejo-te mais tarde."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando Isabel convidou Joana, sabia que Joana não conseguiria ir para casa com ela?

Como é que acha que a Isabel se sentiu?

Questão de controlo: Na história, onde tinham estado a Joana e o Bolinhas?

Porquê é que a Joana não foi com a Isabel?

9. A Andreia tinha tido um papel importante na peça de teatro da escola no ano passado e ela queria muito ter o papel principal este ano. Ela teve aulas de representação, e na primavera, fez uma audição para a peça. Antes de ir para a aula, a Andreia foi ver a lista para saber quem tinha sido seleccionado para entrar na peça. Ela não tinha conseguido o papel principal, e em vez disso foi seleccionada para um papel menor. De seguida, foi a correr ter com o namorado à entrada da escola e disse-lhe o que tinha acontecido. "Sinto muito." - Disse ele. "Deves estar desapontada", acrescenta. "Sim." - respondeu a Andreia - "Eu tenho que decidir se quero aceitar este papel."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando a Andreia foi ter com o namorado, ele já sabia que ela não tinha conseguido o papel?

Como é que acha que a Andreia se sentiu?

Questão de controlo: Na história, que papel é que a Andreia queria ficar?

Que tipo de papel é que ela teve no ano anterior?

O que é que o namorado dela disse?

10. O Miguel estava na biblioteca. Ele encontrou o livro que queria sobre caminhadas na Serra da Estrela e foi até o balcão para o requisitar. Quando olhou para a sua carteira, descobriu que tinha deixado o cartão da biblioteca em casa. "Sinto muito", disse ele à senhora que estava atrás do balcão. "Parece que eu deixei o meu cartão da biblioteca em casa". "Tudo bem", respondeu ela. "Diga-me o seu nome. Se o seu nome estiver no computador, bastará mostrar-me o seu cartão de cidadão para requisitar o livro"

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Como é que acha que se sentiu o Miguel?

Questão de controlo: Na história, qual foi o livro que o Miguel requisitou?

Ele foi só à biblioteca com intenção de dar só uma olhadela?

11. A Alexandra Correia, uma gerente da empresa *Sofitel*, convocou uma reunião para todos os funcionários. "Eu tenho algo para vos dizer", disse ela. "João Abreu, um dos nossos contabilistas, está muito doente com cancro e está no hospital." Ficaram todos em silêncio, absorvendo a notícia, quando Roberto, um engenheiro informático, chegou, atrasado. "Eh pá, eu ouvi uma anedota ontem à noite!" - Disse Roberto. "O que diz um doente terminal ao seu médico?" A Alexandra disse, "Ok, vamos começar a reunião."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando Roberto entrou, ele já sabia que o contabilista estava doente com cancro?

Como é que acha que a Alexandra, a gerente, se sentiu?

Questão de controlo: Na história, a Alexandra, a gerente, o que disse às pessoas na reunião?

Quem chegou atrasado à reunião?

12. O André, um menino de nove anos de idade, acabou de entrar numa escola nova. Ele estava numa das casas de banho da escola. O Miguel e o Pedro, dois outros meninos, entraram a casa de banho e estavam junto dos lavatórios a conversar. O Miguel disse: "Conheces aquele miúdo novo da turma? O nome dele é André. Ele não te parece esquisito? e é tão baixo!". O André saiu da casa de banho e o Miguel e o Pedro viram-no. O Pedro disse: "Oh, olá André! Vais jogar futebol agora?"

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando o Miguel estava a falar com o Pedro, ele sabia que o André estava na casa de banho?

Como é que acha que o André se sentiu?

Questão de controlo: Na história, onde estava o André enquanto Miguel e Pedro estavam a falar?

O que é o Miguel disse sobre o André?

13. O primo do Vítor, o Diogo, veio visitá-lo e o Vítor fez uma tarte de maçã especialmente para ele. Depois do jantar, ele disse: "Eu fiz uma tarte para ti. Está na cozinha." "Mmmm! Cheira maravilhosamente! Eu adoro tartes, exceto de maçã, é claro" respondeu o Diogo.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando o Diogo sentiu o cheiro da tarte ele sabia que era uma tarte de maçã?

Como é que acha que o Vítor se sentiu?

Questão de controlo: Na história, que tipo de tarte é que o Vítor fez?

Como é que o Vítor e o Diogo se conheceram?

14. A Mariana comprou à amiga Ana uma taça de cristal como presente de casamento. A Ana teve um casamento muito grande e com tantos presentes que já não sabia quem tinha oferecido o quê. Cerca de um ano depois, a Mariana foi à casa de Ana jantar. A Mariana deixou cair, por acidente, uma garrafa de vinho em cima da taça de cristal e a taça partiu-se. "Peço desculpa. Eu parti a taça", disse a Mariana. "Não te preocupes", disse Ana, "também, nunca gostei dela. Foi-me oferecida no meu casamento."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que a Ana se lembra que tinha sido a Mariana que lhe tinha dado a taça?

Como é que acha que a Mariana sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que a Mariana deu à Ana no seu casamento?

Como é que a taça se partiu?

15. Na escola básica de Vale de Câmbrias houve uma competição de contos. Todos foram convidados a entrar. Vários dos alunos do quinto ano participaram. A Cristina, uma aluna do quinto ano, adorava o conto com que tinha entrado na competição. Poucos dias depois, os resultados da competição foram anunciados: a história de Cristina não tinha ganho nada e um colega de turma, David, tinha ganho o primeiro prémio. No dia seguinte, a Cristina estava sentada num banco com o David. Eles estavam a olhar para o primeiro prémio dele. O David disse: "Foi tão fácil ganhar este concurso. Todas as outras histórias na competição eram terríveis". "Onde é que vais colocar o teu troféu?" perguntou a Cristina.

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que o David sabia que a Cristina tinha entrado no concurso de contos?

Como é que acha que a Cristina se sentiu?

Questão de controlo: Na história, quem ganhou o concurso?

O conto da Cristina ganhou alguma coisa?

16. O Martim estava num restaurante. Ele entornou, acidentalmente, o café no chão. "Eu vou dar-lhe outra chávena de café", disse o empregado. O empregado saiu por um instante. Filipe, um outro cliente no restaurante, estava na caixa à espera de pagar. O Martim dirigiu-se ao Filipe e disse: "Eu entornei café na minha mesa. Pode limpar?"

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que Martim sabia que o Filipe era um outro cliente?

Como é que acha que o Filipe se sentiu?

Questão de controlo: Na história, porquê é que o Filipe estava de pé na caixa?

O que é que o Martim derramou?

17. A Leonor estava à espera na paragem de autocarro. O autocarro estava atrasado e ela estava ali há bastante tempo. Ela tinha 65 anos e estar de pé tanto tempo deixou-a cansada. Quando o autocarro finalmente chegou estava cheio e não havia lugares. Ela viu um vizinho, o Paulo, de pé no autocarro. "Olá, Leonor" - disse ele. "Esteve à espera muito tempo?" "Cerca de 20 minutos"- respondeu ela. Um jovem que estava sentado levantou-se. "Minha Senhora, gostaria de se sentar no meu lugar?"

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando Leonor entrou no autocarro, o Paulo sabia quanto tempo ela estava à espera?

Como é que acha que a Leonor se sentiu?

Questão de controlo: Na história, porquê é que a Leonor estava a espera na paragem há 20 minutos?

Havia lugares disponíveis no autocarro quando a Leonor entrou no autocarro?

18. O Ricardo tinha começado a trabalhar num novo escritório. Um dia, na sala do café, ele estava a conversar com um novo colega, o André. "O que faz a tua mulher?" Perguntou o André. "Ela é advogada"- respondeu o Ricardo. Poucos minutos depois a Clara entrou na sala do café parecendo irritada. "Eu recebi o pior dos telefonemas"- disse ela. "Os advogados são tão arrogantes e gananciosos. Eu não os suporto." - "Queres vir analisar estes relatórios?" - Perguntou o André à Clara. - "Agora não"- respondeu ela: - "preciso de um café".

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que a Clara sabia que a mulher do Ricardo era advogada?

Como é que acha que o Ricardo se sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que a mulher do Ricardo faz?

Onde estavam o Ricardo e o André a conversar?

19. O Vasco comprou um carro novo, um Peugeot vermelho. Algumas semanas depois bateu no carro do seu vizinho Afonso, um velho Volvo. O seu carro novo não ficou com nenhum estrago e também não fez muitos estragos no carro do Afonso - apenas um risco na pintura por cima da roda. Ainda assim, o Vasco subiu até à casa do vizinho e bateu à porta. Quando Afonso abriu a porta, o Vasco disse: "Lamento muito, acabei de fazer um pequeno risco no seu carro". O Afonso olhou para ele e disse: "Não se preocupe. Foi apenas um acidente. "

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Será que o Vasco sabia qual iria ser a reação do seu vizinho Afonso?

Como é que acha que o Afonso se sentiu?

Questão de controlo: Na história, o que é que o Vasco fez ao carro do Afonso?

Como é que o Afonso reagiu?

20. A Sara foi à charcutaria para comprar carne. A loja estava cheia de gente e barulhenta. Ela perguntou ao talhante: - "Tem frango do campo?" Ele negou com a cabeça e começou a embrulhar um frango para ela. "Desculpe", disse ela, "Eu não me devo ter explicado bem. Perguntei se o senhor tinha frango do campo". "Oh, desculpe", disse o talhante: "Não temos."

Alguém disse algo que não devia ter dito, ou disse alguma coisa estranha?

Se sim, pergunte

Quem disse algo que não devia ter dito, ou disse algo estranho?

Porque é que ele/ela não devia ter dito isso ou porque é que foi estranho?

Porque é que acha que ele/ela disse isso?

Quando o talhante começou a embrulhar um frango para a Sara, ele sabia que ela queria um frango do campo?

Como é que acha que a Sara se sentiu?

Questão de controlo: Na história, onde é que a Sara foi?

Porquê é que o talhante embrulhou um frango para ela?

Anexo F - Escala de Mediação do Quociente de Empatia

A Escala de Mediação do Quociente de Empatia é uma escala composta por 22 itens. Os itens do instrumento são respondidos numa escala de 4 pontos, que oscilam entre **1 (Concordo Fortemente)** e **4 (Discordo Fortemente)**. O instrumento tem uma duração aproximada de 15 minutos.

	1 (Concordo Totalmente)	2	3	4(Discordo Totalmente)
1.Eu consigo, facilmente, dizer se alguém quer entrar numa conversa.				
2.Eu gosto realmente de me preocupar com as outras pessoa.				
3.Eu considero difícil saber o que fazer numa situação social.				
4.Frequentemente tenho dificuldades em julgar se algo é rude ou delicado.				
5.Numa conversa, eu tendo a focar-me nos meus pensamentos em vez de me focar no que o meu ouvinte possa estar a pensar.				
6.Eu consigo perceber rapidamente quando alguém diz uma coisa mas quer dizer outra.				
7.Para mim, é complicado ver porque algumas coisas chateiam tanto as pessoas.				
8.É fácil, para mim, colocar-me no lugar de outra pessoa.				
9.Eu sou bom a predizer como alguém se irá sentir.				
10.Eu vejo com facilidade quando alguém, num grupo, se está a sentir embaraçado ou desconfortável.				
11.Nem sempre consigo perceber porque alguém se terá sentido ofendido por um reparo.				
12.Não tendo a achar as situações sociais confusas.				
13.As outras pessoas dizem-me que sou bom a perceber como elas se sentem ou o que estão a pensar.				
14.Eu consigo perceber com facilidade quando alguém está interessado ou aborrecido com o que estou a dizer.				
15.Normalmente os meus amigos falam-me dos seus problemas e dizem que sou muito compreensivo.				
16.Eu percebo quando estou a ser intrometido mesmo que a outra pessoa não mo diga.				
17.Frequentemente as outras pessoas dizem que sou insensível, se bem que nem sempre percebo porquê.				
18.Eu consigo sintonizar-me com o que os outros sentem, rapidamente e intuitivamente.				
19.Eu consigo descobrir rapidamente o assunto sobre o que outra pessoa quer falar.				
20.Eu consigo perceber quando outra pessoa está a disfarçar os seus verdadeiros sentimentos.				
21.Eu sou bom a prever o que outra pessoa irá fazer.				
22.Eu tendo a envolver-me emocionalmente com os problemas dos meus amigos.				

Anexo G - Jogo do Ultimato

Ultimatum


Escolha o comportamento:

Condição de empatia

Condição de despeito

Lance: 1/20

Divisão: Seu: 100 / 0




O seu Dinheiro: 0 €

Propôr

Lance: 10/20

Divisão Proposta: Seu: 66 / 34



O seu Dinheiro: 441 €

Aceitar Não Aceitar

Anexo H – Consentimento Informado

O presente trabalho de investigação tem como objetivo o estudo do comportamento humano em contexto social. Os dados recolhidos serão utilizados para a realização da dissertação de final de curso do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade do Algarve.

O presente estudo dispõe de dois momentos de avaliação. O primeiro corresponde a questionários de autoresposta para levantamento de dados , em que serão recolhidos dados sócio demográficos e serão aplicadas escalas de sintomatologia. O segundo corresponde á execução de um jogo do ultimato.

A participação no estudo é voluntária e confidencial. Caso decida participar no estudo, poderá desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou consequência. Os resultados serão tratados de forma global e jamais será feita qualquer identificação a partir dos mesmos.

Declaro que li, percebi e concordo com o Consentimento Informado acima exposto

(se quiser participar no estudo preencha os dados seguintes)

Data: __/__/__

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo I - Questões sociodemográficas

Idade: _____

Sexo:

Marca apenas um círculo

- Masculino
- Feminino
-

Nacionalidade: _____

Habilitações Literárias:

Marca apenas um círculo

- 1ºCiclo (até ao 4ºano)
- 2ºCiclo (até ao 6ºano)
- 3ºCiclo (até ao 9ºano)
- Ensino Secundário (até ao 12ºano)
- Ensino Superior (bacharel, licenciatura)
- Ensino Superior pós-graduado (mestrado, douturamento)
- Outra: _____

Estado Civil:

Marca apenas um círculo

- Solteiro(a)
- Casado(a)/União de facto
- Separado(a)/Divorciado(a)
- Viúvo(a)

Situação Laboral:

Marca apenas um círculo

- Estudante
- Desempregado
- Trabalhador por conta de outrem
- Trabalhador por conta própria